

A POLODORO
VIRTUAL EDIÇÕES

A PRINCESA Debutante

Virtude, Amor e Felicidade • Uma Iniciação à Filosofia



Joelma Marques de Carvalho

A Princesa Debutante

Virtude, Amor e Felicidade

Uma Iniciação à Filosofia

APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES

SÉRIE “FILOSOFIA, ARTE E EDUCAÇÃO”

Editor da série: Jason de Lima e Silva (UFSC/Brasil)

COLEÇÃO “LIVROS PARADIDÁTICOS”

Editor da coleção: Cleber Duarte Coelho (UFSC/Brasil)

Comitê Editorial

Alexandre Lima (IFC)

Charles Feldhaus (UEL)

Evandro Oliveira de Brito (UNICENTRO)

Fernando Mauricio da Silva (FMP)

Gislene Vale dos Santos (UFBA)

Gilson Luís Voloski (UFFS)

José Cláudio Morelli Matos (UDESC)

Leandro Marcelo Cisneros (UNIFEBE)

JOELMA MARQUES DE CARVALHO

A Princesa Debutante

Virtude, Amor e Felicidade

Uma Iniciação à Filosofia

APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES
2017

APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES

Direção Editorial: Evandro Oliveira de Brito
Coordenação Administrativa: Simone Gonçales
Diagramação e preparação: Apolodoro Virtual Edições
Capa e ilustrações: Caroline Oliveira
Revisão: Antônio Brandão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C257

A Princesa debutante: virtude, amor e felicidade - uma iniciação à filosofia. / Joelma Marques de Carvalho - 1 ed. - Guarapuava: Apolodoro Virtual Edições, 2017.
112 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-93565-13-7 (e-book)

ISBN 978-85-93565-12-0 (papel)

1. Filosofia. 2. Ensino de filosofia. 3. Filosofia para crianças. 4. Ensino de filosofia e música. I. Carvalho, Joelma M. II. Título.

CDD 378.17

Atribuição - Uso Não-Comercial
Vedada a Criação de Obras Derivadas

APOLODORO VIRTUAL EDIÇÕES
editora@apolodorovirtual.com.br
Rua Coronel Luís Lustosa, 1996 Batel, Guarapuava/PR
85015-344

Agradecimentos

Araguacy Filgueiras, Caroline Oliveira, Christopher A. Franke, Divane Lopes, Edivaldo S. Freitas, Hugo F. de Araújo, José Carlos S. de Almeida, Júlio Gondim, Lucas R. Faustino, Thiago G. Batista, Vilma Queiroz e aos meus alunos da turma de Introdução à Filosofia do Curso de Letras da UFC durante o ano de 2017.

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
Capítulo 1: O RECADO DE HERMES.....	13
Capítulo 2: O BÊBADO.....	19
Capítulo 3: O BANCÁRIO.....	31
Capítulo 4: A MORADORA DE RUA.....	45
Capítulo 5: O CATADOR DE LIXO.....	53
Capítulo 6: DECLARAÇÃO.....	67
Capítulo 7: REVELAÇÕES.....	73
Capítulo 8: O BAILE DE DEBUTANTE.....	83
QUESTÕES PROPOSTAS.....	89
RESPOSTAS DAS QUESTÕES OBJETIVAS.....	109
BIBLIOGRAFIA.....	110

APRESENTAÇÃO

Este livro trata-se de um conto de fadas moderno: narra a estória de Débora, uma jovem que, às vésperas de seu aniversário de 15 anos, entra em contato com o mundo da magia através de seu sonho e recebe um convite inusitado para participar de um jogo. Nesse jogo, ela tem a oportunidade de aprender algumas lições filosóficas com a fada guia Lúcia e tornar-se uma princesa debutante no mundo da magia. No entanto, ao aceitar esse desafio, a jovem deveria defender-se da bruxa Emilly, a qual tenta extinguir as princesas debutantes e é capaz de articular planos tão malvados que poderão transformar seu aniversário em uma das datas mais tristes de sua vida. Mesmo assim, Débora acaba enfrentando seu medo inicial e assumindo esse risco em virtude de sua enorme curiosidade e desejo de saber.

As lições filosóficas são ensinadas através de diálogos com vários personagens durante o seu sonho. Os principais temas abordados são as noções de *virtude*, *amor* e *felicidade*. Ao acordar, Débora relembra aos poucos o que lhe fora ensinado durante o sonho, iniciando-se assim a etapa mais difícil de seu processo de aprendizagem: a prática das lições propostas. As experiências e os sentimentos vividos pelos personagens são também expressos em forma de canções¹, as quais nos convidam a uma reflexão mais crítica sobre aquilo que realmente sentimos, falamos e cantamos no dia a dia. Sendo assim, esta obra também pretende motivar o leitor a fazer parte de uma prática interdisciplinar que abarca as linguagens da literatura, da filosofia e da música.

A autora

¹ As canções que fazem parte dessa obra podem ser ouvidas no seguinte site: <<https://joelmamarques.jimdo.com/disco/>>.



CAPÍTULO 1

O RECADO DE HERMES

Era uma sexta-feira à noite em Fortaleza. Os pais de Débora estavam de saída para uma festa de confraternização do trabalho. Despediram-se:

- Minha querida! A gente vai pra festa agora e só volta mais tarde. Qualquer coisa é só ligar. Se você tiver fome, tem comida na geladeira, tá? Que horas mesmo você vai ao cinema com seus colegas da escola? - perguntou sua mãe enquanto acariciava os cabelos lisos e longos da filha.

- Daqui a uma hora a mãe da Rute vai passar aqui com ela pra nos levar ao cinema no shopping. Mas não se preocupe, mãe. Assim que eu chegar em casa, eu te ligo pra avisar que cheguei bem - disse a jovem alegre.

- Está certo. Divirta-se, meu amor. Disse a mãe.

De repente, o pai de Débora falou que eles já estavam atrasados e que deveriam ir. Beijou a filha no rosto e então os dois saíram em direção ao elevador. Já no carro dentro do estacionamento, o pai de Débora comentou:

- Eu nem acredito que nossa menina já é uma mocinha.

- Pois é, e a gente ainda não lhe contou a verdade - disse a mãe, colocando o cinto de segurança.

- Eu já falei que não quero mais tocar nesse assunto - disse o pai de Débora ligando o carro.

Enquanto isso, a jovem preparava-se em seu quarto para sair com seus colegas. Ela estava um pouco ansiosa, pois Breno, seu novo paquera do colégio, iria também. Olhou-se no espelho e observou seu corpo inteiro. Ela era magra, tinha um tamanho médio e uma beleza singela. Seu cabelo liso e preto dava-lhe a aparência de uma jovem índia. Estava indecisa e procurava uma roupa adequada para a ocasião. Depois de revirar o guarda-roupa inteiro e experimentar várias roupas,

decidiu vestir o primeiro vestido floral de fundo branco que pegou, calçando um tamanco branco. Diante do espelho no banheiro, Débora fez uma maquiagem discreta e, quando estava finalmente pronta, recebeu a mensagem no celular:

“Débora, sinto muito, mas não vou poder ir ao cinema com você hoje. Surgiu um problema aqui em casa. A gente se vê amanhã na tua festa de aniversário. Beijos, Breno”.

Imediatamente, a jovem pensou que ele estaria mentindo, como já havia feito anteriormente, e a angústia da desconfiança tomou conta de sua mente. Ela acabara de ter uma decepção amorosa e tentava esquecer o seu ex-namorado e amigo Davi. Era uma jovem de gênio brando, cautelosa, romântica, curiosa e não resistia a desafios intelectuais. Apesar de sua desconfiança, insistiu em não fazer confusão no início da relação. Respondeu a mensagem de Breno:

“Tudo bem, boa sorte. Beijos, Débora”.

Em seguida, sua amiga Rute lhe ligou, avisando que já estavam em frente ao prédio, esperando por ela. A jovem pegou então sua bolsa e saiu rapidamente. Assim que as duas ficaram sozinhas, Débora mostrou a mensagem de Breno para Rute. Breve e concisa, a amiga disse-lhe que o problema dele deveria ser provavelmente a sexta-feira à noite; talvez ele gostasse de curtir com os seus outros amigos e não com eles. Depois, outros colegas chegaram e foram então assistir ao filme. Durante o filme, Débora conseguiu esquecer-se do acontecido. Ao chegar a casa, ligou pra sua mãe e disse que já estava em casa.

Débora tinha catorze anos de idade e esperava ansiosa por seu aniversário de quinze anos. Estava preocupada porque ainda tinha de escolher alguém para ser o seu príncipe de gala na festa de debutante. O fato é que seu coração estava dividido entre Breno, seu novo paquera, e Davi, o seu melhor amigo, por quem era realmente apaixonada. Era tarde da noite, Débo-

ra estava deitada na rede da varanda do apartamento onde morava. De lá, dava pra ouvir baixinho o barulho das ondas do mar e do trânsito na avenida. Apagou as luzes e cantou:

Quando eu apago as luzes.

Quando o sono deve vir.

Eu procuro um pensamento que não me leve a ti.

Mas não há um só momento em que eu não pense em você.

Vejo a imagem, ouço a voz. Sinto que estás aqui.

Mas não tá não, não tem ninguém.

Mas não tá não, não tem ninguém.

Mas não tá não, não tem ninguém.

A não ser o fantasma da solidão, da solidão.

Quando eu olho as horas, sei que outras hão de vir.

Eu procuro um argumento que me faça desistir.

Mas o amor é um sentimento que se sente sem querer.

Tenho sonho, tenho raiva. Sinto que estás aqui.

Mas não tá não, não tem ninguém.

Mas não tá não, não tem ninguém.

Mas não tá não, não tem ninguém.

A não ser o fantasma da solidão, da solidão.

Lentamente adormeceu. Através de seu sonho iniciou-se uma conexão entre sua mente e o mundo da magia. Ela estava a caminhar num parque cheio de árvores quando, de repente, aproximou-se um homem alto, calvo, gordo e simpático que a cumprimentou:

- Boa noite, Débora!

- Boa noite! Quem é você? Perguntou Débora curiosa.

- Eu sou Hermes, o mensageiro do mundo da magia.

- Uau! Mas que mundo é este? - Indagou Débora mais uma vez.

- O mundo da magia - Respondeu Hermes - é o mundo das fadas e de grandes magos, que há muito tempo tenta entrar em harmonia com o mundo humano. Com o avanço da tecnologia e da ciência, vocês adquiriram mais conhecimento

acerca do mundo físico, mas muitos têm medo de refletir acerca de si mesmo e de suas ações através da razão. Como a conexão entre nossos mundos é feita por meio da reflexão crítica, então nossa comunicação tornou-se muito difícil. No entanto, em seus sonhos mais profundos, somos solicitados e estamos presentes para aqueles que assumem sua verdadeira identidade.

- Mas por que nós só temos acesso à sua realidade por meio do sono? - Interrogou Débora.

- Ora - respondeu Hermes - nosso contato não ocorre somente através do sono, mas especialmente através do sono, pois quando as pessoas sonham, suas crenças e seus desejos mais íntimos não podem ser evitados e às vezes eles surgem à consciência. Assim, o mundo das aparências se desfaz e vocês se mostram como realmente são.

- E por que você está em meu sonho agora, Hermes?

- Você tem catorze anos e amanhã será debutante - No mundo dos homens, toda debutante deixa de ser criança e torna-se mulher. No mundo da magia, toda debutante deve deixar de ser criança e tornar-se uma princesa. Entretanto, ninguém pode se tornar uma princesa sem cumprir alguns requisitos. Por este motivo, eu gostaria de saber se você estaria disposta a enfrentar um desafio intelectual e aprender hoje algumas lições de filosofia com uma fada guia e, assim, tornar-se uma princesa debutante em nosso mundo? Mas devo lhe avisar que essas lições não são fáceis e que ao aceitar o convite, você deverá enfrentar várias dificuldades que serão criadas pela bruxa Emilly. Os seus planos são geralmente simples, mas poderão estragar o encantamento de seu aniversário.

- Quem é essa bruxa Emilly? - Questionou a jovem assustada.

- Emilly destacava-se por ser uma jovem fada ousada, muito criativa e enérgica, mas infelizmente ela se desentendeu com seus melhores amigos um dia antes de seu aniversário e eles não foram para sua festa de debutante - respondeu Hermes. Esta festa era muito importante para Emilly e poucas pessoas estavam lá. Tomada por um forte ressentimento, ela

não conseguiu perdoar a ação de seus amigos e decidiu não confiar em mais ninguém. Por este motivo, ela teve um baile de debutante triste e com tantas mágoas em sua mente não se tornou uma princesa debutante. Depois que seus pais faleceram, ela permaneceu isolada, e começou a sentir inveja e ódio das princesas debutantes, principalmente as humanas.

- Nossa! Então esta bruxa já foi uma fada?! - Admirou-se Débora.

- Sim - respondeu Hermes. No mundo da magia, nós aprendemos desde cedo a ler, refletir e discutir sobre diversas questões filosóficas, pois, assim, o encantamento pelo mundo ao redor e a sede de conhecimento que temos naturalmente na infância não se acabam com o passar do tempo. No entanto, Emilly ignorou tais ideias e não teve mais interesse em aprendê-las, muito menos, pô-las em prática. O problema é que quando uma fada não cresce interiormente através da reflexão e do diálogo com os outros, ela não se torna uma princesa, perde suas asas e vira uma bruxa. Foi por isso que para continuar voando, ela inventou a vassoura voadora.

- Que coisa triste! - Disse Débora.

- Sim - concordou tristemente Hermes. Quando eu penso em Emilly, eu me lembro das palavras de um filósofo britânico chamado Bertrand Russell, o qual defendeu que depois da preocupação, uma das causas mais poderosas da infelicidade é provavelmente a inveja. Nós já tínhamos lhe ensinado que quem quer aumentar a felicidade, deve aumentar a admiração e diminuir a inveja, mas ela ainda não conseguiu fazer isso. Desse modo, Emilly vive num círculo vicioso, pois é infeliz porque tem inveja e tem inveja porque é infeliz. Enfim, ela não consegue ser feliz pelo que tem e sofre pelo que os outros têm.

- O que devo fazer para me defender de Emilly? Perguntou Débora temerosa.

- Você será guiada por Lúcia - instrui Hermes. Ela é uma jovem fada ruiva com cabelos cacheados, poética, bondosa e que está sempre disposta a ajudar aos outros diante de uma justa causa. Ela tentará iluminar seu caminho e ao seu

lado, você terá a oportunidade de aprender nesta noite algumas lições. Depois você deverá colocá-las em prática na sua festa de debutante. Se você aprender essas lições, suas ações lhe aproximarão do bem e Emilly não conseguirá estragar seu aniversário.

Débora teve bruscamente o receio de não aprender e gaguejou:

- Então, se eu não aprender, a minha festa será um desastre?

- Sim, mas a festa é só um detalhe - comentou Hermes. Ninguém precisa de uma grande festa para fazer uma boa comemoração de aniversário, pois os elementos fundamentais para a felicidade são tão simples que muitas pessoas não conseguem entendê-los e aceitá-los por serem praticamente banais. Aprender com o outro é uma lição necessária para vivermos melhor nossa vida. Se você não aprender estas lições, uma criança carente morará dentro de você e a perturbará durante sua vida toda até você aprendê-las.

- Pode ser, mas eu acho melhor nem tentar aprender, pois assim não correrei o risco dessa bruxa acabar com meu aniversário. Disse a jovem Débora pensativa e temerosa.

- Aparentemente sim, mas não enfrentar o medo de perder é a pior derrota que alguém pode ter. Além disso, este jogo não é tão diferente do jogo da vida que você já pratica. Afirmou Hermes de modo complacente.

Após uma breve pausa, a jovem refletiu um pouco mais e respondeu tranquila e sem medo:

- Você tem razão, Hermes!

Em seguida, o mensageiro Hermes sumiu. Débora despertou em um salto, passou a mão nos olhos e pensou em voz alta:

- Credo! Que sonho maluco!



CAPÍTULO 2

O BÊBADO

Débora levantou-se. Acendeu a luz. Foi à cozinha, tomou um copo d'água e pegou seu celular. Foi para o seu quarto, deitou-se na cama com o celular e rapidamente a jovem adormeceu de novo. Durante o sono profundo, ela começou a sonhar e de repente ouviu uma voz:

- Olá, Débora.

- Olá! - Respondeu a jovem ao ver uma jovem ruiva com um vestido verde bem singelo. Em seguida, lembrou-se de sua conversa com o mensageiro:

- Então, você está em meu sonho!

- Sim. Eu sou a Lúcia, a fada guia de sua jornada. Afirmou-lhe Lúcia.

- Ai meu Deus, então eu voltei para o meu sonho maluco. Disse a jovem atordoada.

- Sim. Agora você entrou em conexão com o mundo da magia através de seu sonho de novo. Respondeu a fada Lúcia.

Naquele instante, Débora levantou-se da cama, mas ao olhar para a cama, viu que seu corpo continuava lá com o seu celular. Muito assustada perguntou:

- Eu morri?

- Não. O seu corpo só está descansando. Quando as pessoas dormem, às vezes, a alma separa-se do corpo e vai para onde necessita ir. Respondeu-lhe a fada Lúcia.

- Como assim? Perguntou assustada a pequena jovem.

- Durante o sono, a mente processa parte do que acontece ao seu redor e muitas informações obtidas pelo mesmo durante o dia são trabalhadas - comentou a fada Lúcia. Os seres humanos já descobriram que o sono é fundamental para a fixação e memorização do que é aprendido, mas ainda não

perceberam que nossa conexão acontece especialmente durante o sonho. Quando você acordar, desconfiará de minha existência, mas não esquecerá o que tiver aprendido comigo. Além disso, como essas lições de vida são processadas e fixadas na memória durante o sono, elas poderão ser postas mais facilmente em prática quando estiver acordada. Em nossos sonhos, nós nos permitimos questionar, refletir criticamente e assumir nossos desejos mais secretos. Por este motivo, os sonhos são tão fascinantes.

- Mas eles também podem ser malucos. Disse a jovem impressionada.

- Sinceramente, não acho que alguns sonhos sejam mais loucos do que a realidade do mundo dos homens. Você não acha uma loucura criar uma coisa chamada “dinheiro” e se tornarem escravos dela ou criarem uma bomba capaz de destruir o mundo inteiro? Questionou a fada.

- Pensando bem, neste ponto, você tem razão. Concordeu Débora.

Em seguida, a fada Lúcia olhou bem no fundo dos olhos de Débora e indagou?

- Você tem certeza que está disposta a vir comigo para refletirmos e conhecermos outras almas, mesmo que o caminho para as verdades possa ser doloroso?

- Sim. Disse corajosamente a jovem.

- Então vamos! Falou docemente a fada erguendo sua varinha de condão e dizendo a palavra mágica: - “Sol invictus!”.

Naquele momento, surgiu uma luz intensa e a fada segurou a mão direita de Débora, a qual mesmo assustada pegou rapidamente seu celular com a outra mão. De repente, elas já estavam ao lado do aterro da praia de Iracema. Lá, alguns carros passavam e uma senhora estava deitada no banco de madeira sozinha com uma sacola de pano sendo usada como travesseiro. De frente para o mar, Lúcia falou:

- Aqui você terá que escolher com quem você aprenderá a sua primeira lição. No banco, há uma moradora de rua. Do seu lado esquerdo, vem um homem bêbado e do seu lado

direito, vem outro homem carregando o carrinho de lixo. Você apenas irá conhecer um pouco da história de vida de seu escolhido e refletir sobre a mesma. Não se esqueça: O outro tem sempre algo para nos ensinar.

- Eu escolho o homem bêbado. Disse a jovem decidida.

Lúcia sorriu e comentou:

- Tudo bem. Um bêbado será ótimo para lhe ensinar a primeira lição, pois como diz um ditado popular: “Existem três tipos de pessoa que falam a verdade: o bêbado, a criança e o louco”.

- Então você acha que através dele eu chegarei à verdade? Questionou Débora sorrindo.

- Pra ser sincera, eu concordo com o filósofo Platão que podemos chegar à verdade através da razão, ou seja, por meio da capacidade de raciocinar, fazer cálculos e julgar.

- Quem é Platão? Questionou curiosamente Débora.

- Platão foi um filósofo do período clássico da Grécia antiga. Explicou-lhe a fada Lúcia.

Naquele instante, o estranho bêbado aproximou-se das duas e questionou:

- O que vocês estão fazendo uma hora dessas sozinhas por aqui?

- Estamos apenas conversando. - Disse Lúcia.

O bêbado tinha uma estatura média, era magro, usava um cavanhaque e tinha o cabelo cacheado, curto e preto. Vestia-se despojado: um sapato marrom leve, uma calça jeans e uma camiseta com poucas cores e design marcante. Por cima da camiseta, usava um blazer leve e um chapéu de feltro marrom. A aparência combinava com sua personalidade aventureira, espontânea e de um charme irresistível. Fixou seu olhar, tirou o chapéu e continuou a falar:

- Vocês não querem ir comigo pra algum lugar conversar um pouco?

- Será um prazer! Não é Débora? Disse Lúcia contente.

- Ah sim, com certeza. - Respondeu Débora pensativa.

Em seguida, caminharam até um restaurante na beira-mar lotado de pessoas. Ouvia-se música ao vivo. Algumas

pessoas dançavam. Os três sentaram-se na única mesa vazia no centro. De repente, Débora reconheceu seu paquera Breno que estava na mesa atrás dançando samba com os amigos. O rapaz era um moreno alto e fazia o tipo sedutor: calçava um sapatênis preto, vestia uma calça jeans e uma camisa listrada com o primeiro botão aberto e fazia questão de manter a barba sempre um pouco mal feita para gerar a impressão de um cara com estilo “despreocupado” e “moderno”. Tinha o espírito livre, era simpático e muito sociável. O jovem adorava sair com os amigos e conquistar mulheres com sua boa aparência e um sorriso cativante. Ao vê-lo mais perto a dançar, Débora cutucou Lúcia e lhe mostrou:

Olha lá meu bem, ele tem um charme só!
Sabe sambar como ninguém.
E um sorriso maroto tem.
Mas passa um rabo de saia, ele quebra quase o pescoço pra olhar.
Tira para dançar, ai, dá um aperto cá!
Dançando o negócio aperta.
Skindin dowdow dowdow.

Ai que sina ruim, é ter malandro como bem-querer!
Tem que dormir com um olho só de antena sempre alerta.
Mas se eu me zangar, eu também sei aprontar.
Ele vai sambar, eu ...

Em seguida, Débora puxou o bêbado para dançar e continuou a cantar:

Eu vou forrozar.
Dançando a gente se acerta.
Laiaralaaairalalaiê, Laiaralaaairalalaiê, laiê, laiê (3x)

Depois da canção, eles pararam de dançar e voltaram para mesa. Lúcia olhou para Débora assustada e comentou:

– Eu queria entender melhor o texto desta canção. Você quis dizer que se ele for dançar samba, então você vai dançar forró e dançando assim vocês se acertarão? Como isso é possível?

- Eu quis dizer que se ele aprontar, eu também vou aprontar. Deste modo, nós estaremos quites. - Respondeu Débora.

- Mas agindo assim, você acha mesmo que poderá construir uma relação sólida com ele? Vocês confiarão um no outro? Questionou a fada.

Débora, um pouco confusa, não sabia bem o que responder. Depois, ainda pensativa, respondeu:

- Acho que não.

- Então esta opção não parece ser muito boa. Vocês não irão se acertar, apenas brigarão mais, pois o diálogo se tornará mais difícil e sem confiança não é possível estabelecer uma boa relação como, por exemplo, um namoro ou uma amizade. - Concluiu a fada Lúcia.

Débora fez uma pequena pausa e refletiu sobre o texto da música e aos poucos compreendia o que Lúcia queria dizer. Depois, lembrou-se que Breno havia lhe dito que tinha um problema para resolver e por isso não podia sair com ela. Imediatamente indagou:

- O que eu estou vendo agora é um sonho ou é real?

- Para ele, isto é real e não é sonho, pois ele está acordado. Para você, isto é um sonho, mas também é real, pois o que você está vendo agora está de fato acontecendo. Os fatos que ocorrem em seu sonho podem ser apenas o resultado de uma lembrança de um fato passado, um fato atual ou até mesmo um fato que poderá acontecer no futuro. No entanto, quando sonhamos com algo, a principal pergunta que deveríamos fazer não é se ele é real ou não, mas por que sonhamos com isto. Visto que o motivo às vezes tem relação com algum aprendizado necessário. Enfim, deveríamos tentar aprender algo com ele.

O bêbado não ouviu direito a conversa entre as duas, mas era muito esperto e logo concluiu:

- Pelo visto, alguém está enciumado.

- Não enche o meu saco! - Respondeu Débora um pouco irritada.

- Calma! Calma! Ele só falou o que pensa de verdade, disse Lúcia.

A jovem respirou profundamente e desabafou:

- Desculpa. Eu estou com raiva, pois ele mentiu pra mim. A vontade que eu tenho é de ir lá falar com ele.

- Ele não pode te ver nem ouvir, pois o teu corpo está dormindo e apenas tua alma está aqui, disse Lúcia.

- Que conversa estranha! Vocês beberam também? E eu tô sonhando também? Perguntou o bêbado zombando das duas.

A fada Lúcia sorriu e respondeu:

- Sim, basta olhar pra você mesmo sentado ali naquele canto.

Num salto, o bêbado falou:

- Eita! Então deve ser por isso que dizem que os bêbados veem tudo em dobro.

- Qual é o seu nome? - Perguntou Débora.

- Meu nome é Vinícius. - Respondeu o bêbado.

- Mas por que você bebeu tanto a ponto de dormir num restaurante? Você acha isto mesmo divertido? - Indagou a fada Lúcia.

- Não, mas vocês estão vendo aquela mulher loira de vestido azul ali? Ela é minha ex-namorada. eu passei a noite inteira tentando falar com ela num bar antes de vir pra cá, mas ela preferiu conversar com aquele rapaz.

- Você gosta dela? - Perguntou Débora curiosa.

O homem fez uma pequena pausa, pensou, mas não abriu a boca. Depois, Vinicius tomou coragem e respondeu:

- Sim, eu menti tantas vezes pra ela, porque queria sair sozinho com meus amigos, mas um dia ela descobriu e agora acho que ela quer me dar o troco.

- Você pediu desculpas e ela não quis lhe perdoar, né? - Disse Débora balançando a cabeça.

- Mais ou menos. Na verdade, eu não tive nem coragem de pedir desculpas. Apenas inventei outras estórias pra tentar disfarçar melhor a minha primeira mentira, mas ela não

acredita mais em mim. Mas agora eu confesso que me arrependi. Disse Vinícius com a cara desconsolada.

- Então, peça. Você ainda tem tempo, disse a fada Lúcia.

- Mas ela pode me ver? Questionou o homem impressionado.

- A alma enxerga o que os olhos não veem, falou Lúcia em tom sereno.

Naquele instante, Vinicius aproximou-se de sua amada e começou a cantar:

*Eu só queria um breve instante
pra te dizer que já sofri o bastante.*

Eu sei do mal que eu te fiz.

Agora eu vejo a cicatriz.

Em mim e em ti, mas perdoar, meu bem, é nobre sim.

A moça não ouvia a canção, mas a sentiu. Naquele momento, ela olhou para Vinicius dormindo na cadeira e aproximou-se do mesmo. Do outro lado, a alma de Vinícius continuou a cantar:

Então me abrace e esqueça que bom é ser feliz.

Se o amor é vencedor, não há lugar nenhum pra tanta dor.

Deixe o passado ir, deixe o passado ir!

Deixe o passado ir, pois ele se foi,

o presente se pôs e o futuro nem foi.

Depois desta canção, a alma de Vinicius desapareceu e ele acordou nos braços de sua amada. Débora olhou para Lúcia e perguntou atônita:

- Isso foi uma lição?

- Uma? Não minha querida, ele lhe ensinou várias lições, mas ele as resumiu da seguinte forma: "Se o amor é vencedor, não há lugar nenhum pra tanta dor".

- Isso significa que eu também devo aprender a perdoar? - Perguntou Débora.

- Sim. Observe que muitas lições de vida estão interligadas entre si, respondeu Lúcia calmamente.

Débora, tomada por seu sentimento de mágoa, suspirou e balançou a cabeça um pouco impaciente:

- Era só o que me faltava. Você quer dizer o que com isso? Eu devo deixar de ser uma pessoa normal pra ser uma princesa boba? Se eu perdoar o Breno ou qualquer outra pessoa sempre que elas aprontarem comigo, essas pessoas vão ficar mal acostumadas e me farão de boba. Ele também merece aprender uma lição. Veja lá, ele mentiu, está agora com outra e eu ainda estava pensando em convidá-lo pra ser meu príncipe de gala na minha festa de aniversário.

- Perdoar não significa passar a mão na cabeça do outro e concordar com suas ações erradas. Significa eliminar a dor que esta ação lhe causou. Deste modo, aquele que perdoa beneficia mais a si mesmo do que o outro. Afirmou a fada Lúcia.

- Eu não entendo porque o perdão é uma coisa tão boa.

- Insistiu Débora de forma quase dramática.

- Você já imaginou uma sociedade na qual ninguém tivesse que perdoar? Perguntou a fada Lúcia.

Depois de uma pequena pausa, Débora lhe respondeu de forma indecisa:

- Não sei. Acho que não.

- Eu poderia imaginar uma sociedade assim, mas ela não seria de seres que erram. Sem perdão, não haveria sociedade com seres errantes, pois a convivência com o outro e consigo mesmo seria impossível. Praticar ações nobres não é uma tarefa fácil. Para perdoar alguém, é necessário ser capaz de amar tanto a si mesmo quanto ao outro e ter humildade. Eu sei que é muito mais fácil julgar os outros, mas alguém já disse com razão que só quem entende a beleza do perdão, pode julgar seus semelhantes. Por exemplo: A Emilly não foi capaz de perdoar seus amigos e nunca entendeu a beleza do perdão, por isso ela também não tem o direito de julgar seus semelhantes. Disse Lúcia.

- Então talvez fosse melhor não querer julgar nossos semelhantes. Disse a jovem pensativa.

- Olha, concordo com você que julgar os outros nem sempre seja bom, mas, por exemplo, na Grécia antiga, a ação de julgar os demais era uma das principais máximas. Principalmente porque era através do julgamento das ações dos demais que você pode reconhecer o caráter deles.

- Mas por que devemos nos preocupar com o caráter dos outros?

- Porque vivemos em sociedade. Além disso, alguém com bom caráter contribui para o bem da sociedade como um todo, por isso uma pessoa com bom caráter deveria servir como modelo de inspiração.

- O que forma o caráter de uma pessoa? Questionou a jovem.

- O caráter de uma pessoa é formado pelo conjunto de seus hábitos, virtudes e vícios. Na Grécia antiga, acreditava-se que a *virtude* era o objetivo final da ação humana.

- Isso significa que devemos aprender através de nossas atividades na vida a sermos pessoas boas ou virtuosas? Concluiu Débora rapidamente.

- Sim. Disse a fada Lúcia.

- Mas o que é o bem ou a virtude? Perguntou Débora curiosa.

- Esta é uma boa questão - respondeu Lúcia. Não existe uma definição exata para este conceito. Na obra *A República* de Platão, o personagem Sócrates afirma: "(..) a virtude significa, julgo eu, saúde, beleza, boa disposição de ânimo; e o vício, ao contrário, significa doença, feiura, fraqueza.² No entanto, vamos tentar respondê-la, refletindo sobre as duas pessoas que conhecemos até agora, ou seja, Vinícius e sua ex-namorada. Quem você acha que fez o bem e por que a ação é boa?

- Eu acho que o Vinícius errou inicialmente, porque ele mentiu, mas depois ele agiu corretamente quando assumiu o

² PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 147.

seu erro e pediu desculpas. Já a sua ex-namorada foi boa, pois ela foi capaz de perdoá-lo. Neste sentido, Sócrates diria que ela pode julgar seus semelhantes. – Respondeu a jovem Débora pensativa e concentrada.

– Certo. Mas por que você acha que mentir é errado, mas ações como assumir o erro, pedir desculpas e perdoar são atitudes boas?

Débora fez mais uma pausa, pôs a mão no queixo indecisa e falou devagar:

– Ah, esta pergunta parece simples, mas é difícil de responder. Eu acho que a mentira é ruim porque ela prejudica o outro e é uma ação covarde, pois agindo assim você trai a confiança do outro. Assumir sinceramente um erro e pedir desculpas são ações boas, pois elas demonstram uma honestidade consigo mesmo e com o outro. Além disso, essas atitudes exigem coragem, humildade e demonstram um interesse da pessoa em tornar-se melhor e não repetir a mesma ação. Já perdoar é bom porque você acaba com a dor de ambos, faz o bem para o outro e a si mesmo. Mas sinceramente, eu acho esta ação muito difícil.

– Eu concordo com você – disse Lúcia. Mas eu também acho que se nós não conseguimos fazer o bem em situações simples, nós também não conseguiremos ser bons em situações mais difíceis. Por exemplo, se uma pessoa não é capaz de assumir o próprio erro, ela terá mais dificuldade ainda em perdoar. Deste modo, acho aconselhável praticar ações boas mais simples, pois assim teremos mais facilidade em praticar o bem em situações difíceis. O filósofo Aristóteles, por exemplo, nos ensina que a virtude é uma disposição de fazer o bem e é aperfeiçoada com a prática.

– Isto significa que uma pessoa adquire esta virtude através do hábito. Comentou a jovem em voz baixa.

– Sim. Além disso, vale observar que eles foram capazes de fazer uma boa ação porque os dois deixaram a razão estar acima de seus sentimentos. Deste modo, a razão parece nos conduzir ao bem. Mas, agora vamos pensar sobre o resul-

tado destas ações. Quais foram as suas conseqüências? Perguntou a fada.

- Um final feliz, disse Débora a sorrir.

- É verdade - concordou alegremente Lúcia. Talvez por isso, alguns filósofos na antiguidade acreditavam que devemos fazer o bem, pois só assim seremos felizes. Outros filósofos na modernidade acham que devemos fazer o bem porque é nosso dever.

- Interessante. Eu concordo mais com a primeira ideia, pois se Vinícius e a mulher de vestido azul não tivessem feito estas ações, eles estariam provavelmente agora tristes. Eu também não gosto de ver isso como um dever. Quem estaria impondo estes deveres? Questionou curiosamente Débora.

- A razão talvez, mas eu lhe entendo. Mesmo assim, eu acho que fazer o bem só para ser feliz individualmente parece ser egoísta. Você não acha? Perguntou a fada Lúcia.

- Eu diria então que devemos fazer o bem porque a prática do bem contribui para a felicidade geral. Concluiu a jovem Débora.

- Essa parece ser uma boa ideia. Para Aristóteles, agir conforme a virtude significa ponderar sobre dois extremos, ou seja: a falta e o excesso. E segundo ele, ambos nos afastam da felicidade. No entanto, nós veremos mais adiante que a felicidade não depende só de nossas ações e boa vontade.



CAPÍTULO 3

O BANCÁRIO

Naquele instante, surgiu outro homem. Ele era calvo, um pouco mais velho com um traje chique e a aparência de vítima das circunstâncias. Ele parecia ser bem-sucedido, com um ar de trabalhador muito esforçado e prático. Cumprimentou-as com a cabeça e perguntou:

- Será que eu posso me sentar aqui com vocês?

- Outro bêbado? Perguntou Débora assustada.

- Não exatamente, este aí é aquele homem deitado na mesa à direita - indicou-lhe a fada. Ele adormeceu não só por causa da bebida, mas também de cansaço do trabalho e acúmulo de noites mal dormidas.

- Por mim, você pode se sentar. Disse Débora curiosa.

- Obrigado! - Respondeu o homem.

- Como você veio parar aqui? Indagou Débora.

- Bem, eu saí do trabalho e vim direto pra cá para me encontrar com alguns colegas. Quando eu cheguei aqui, havia uma mulher muito bonita que veio falar comigo e começamos a conversar e beber juntos. Depois, ela saiu e quando eu verifiquei meu bolso, eu não achei minha carteira. Ainda bem que meus amigos irão pagar a conta por mim. Agora, ali estou eu, dormindo numa cadeira de restaurante sem dinheiro no bolso e sem documento. Disse o homem em um tom dramático.

Naquele momento, a fada Lúcia ficou preocupada, pois a presença daquele homem não havia sido planejada por ela. Mesmo assim, ponderou e não interrompeu a conversa dos dois.

- Esta cidade é linda, mas é perigosa. É muito arriscado confiar na primeira pessoa que aparece. Comentou Débora.

- Agora é tarde pra você me dizer isso. Disse o homem amargurado.

- Qual é o seu nome? - Perguntou Débora.

- Meu nome é Heitor. Eu trabalho aqui perto, sou bancário e acabei de me separar. Hoje, eu só queria beber um pouco e conhecer novas pessoas pra esquecer o *stress* do trabalho e afogar minhas mágoas. Desabafou o pobre homem com o olhar distante.

Enquanto isso, Débora olhava para Breno. Estava decepcionada com o mesmo e ainda tinha dificuldade em perdôá-lo. Em seguida, também resolveu desabafar:

- Ah, se a sua mágoa for de amor, eu posso lhe entender muito bem. A única coisa que posso lhe dizer é que amar é um risco maior do que sair sozinha no mundo. Sinceramente, eu já penso que não vale a pena se arriscar.

- Mas como pode uma moça tão jovem já ter tanta mágoa e despeito no coração?

Num salto, a jovem respondeu enfática:

Se eu tenho despeito, é meu senhor, é meu senhor, não vou lhe enganar.

Eu tenho direito de ter e avisar, de ter e gritar a dor no meu peito.

Alguém me disse que o amor é cego,

Que não enxerga nenhum defeito.

Que é paciente e nos dá coragem para enfrentar todas as barreiras.

Pois eu lhe digo que não é verdade.

Que o tal do amor é muito é traícoeiro.

Se a corda se arrebenta, quem amar é quem vai chorar.

Se a corda se arrebenta, quem amar é quem vai chorar.

Se eu tenho despeito, é meu senhor, é meu senhor, não vou lhe enganar.

Eu tenho direito de ter e avisar, de ter e gritar a dor no meu peito.

Alguém me disse que o amor é lindo, conserta tudo que não tem mais jeito.

Que traz um brilho para os olhos e deixa a vida mais colorida.

Pois eu lhe digo que não é verdade.

Que o tal do amor é muito é traícoeiro.

Se a corda se arrebenta, quem amar é quem vai chorar.

Se a corda se arrebenta, quem amar é quem vai chorar.

Após a canção, Heitor parecia estar surpreso e olhava para Débora intensamente. Curioso perguntou:

- Quantos anos você tem?

- Eu tenho catorze anos, mas amanhã farei quinze.

Respondeu Débora sentindo-se quase uma idosa.

- Você está decepcionada com aquele rapaz? Perguntou o bancário.

- Aff, se fosse só com ele. Na verdade, é com ele e com meu ex-namorado. Disse a jovem num tom amargurado.

- Nossa! Você é tão jovem e já tem um ex-namorado! Disse o bancário mais impressionado ainda.

- Este seria o segundo. Mas por que o susto? Quase todas as minhas amigas já tiveram pelo menos um namorado. Disse a jovem balançando a cabeça sem compreender o espanto do homem.

- Tá certo. Eu só acho que vocês deveriam aproveitar mais a infância e não querer amadurecer tão rápido. Você é tão jovem e já está sofrendo por causa do amor. Fez uma breve pausa. Depois continuou: - No entanto, acho que você é jovem, mas é muito inteligente, pois percebeu rápido que o amor não é uma coisa tão boa assim como as pessoas dizem. Por isso, eu lhe aconselho: Deixa este negócio de namorar pra depois! Estude muito pra conseguir um bom emprego, ganhar dinheiro e ser independente. Este é o segredo da felicidade. O amor não traz felicidade não!

Em seguida, a fada Lúcia resolveu entrar na conversa. Ela percebia que pouco a pouco o bancário dominava a conversa na mesa e comentou:

- Acho que você esqueceu que não existe apenas amor entre um casal, mas entre pais e filhos, irmãos, amigos etc. Depois ela fez breve pausa e de modo suave, mas seguro e ficou pensativa.

O bancário fixou seu olhar na jovem e a questionou:

- Mas Débora, por que você afirmou na canção que tem despeito? O que você acha que significa "despeito"?

- Uma pessoa despeitada é uma pessoa que tem mágoas ou ressentimento. Respondeu a jovem imediatamente.

- Certo. Mas este é um dos significados desta palavra. Existe outro significado deste termo que é, por exemplo, uma pessoa que sofre com a infelicidade do outro. Neste sentido, você diria também que tem despeito em relação a Breno?

A jovem parou para refletir um pouco e respondeu um tanto indecisa:

- Não, eu acho que não, mas depende do tamanho da infelicidade. Eu confesso que acharia bom se ele sofresse um pouco para ele pagar o mal que me fez.

- Eu não vejo problema nisso. O único problema é que uma pessoa despeitada também é uma pessoa invejosa. Disse o bancário dobrando a manga esquerda de sua camisa.

- Não exatamente, mas estas duas características estão relacionadas. O invejoso é aquele que sofre com toda boa fortuna do outro. Diante desta situação, o melhor e o correto seria ter indignação e não o despeito ou a inveja. Disse a fada Lúcia.

- Mas o que é indignação? Perguntou o bancário Heitor.

- A indignação justa é o meio-termo entre a inveja e o despeito. Pelo menos, é assim que pensava o filósofo grego Aristóteles.

De repente, o bancário virou-se para a fada Lúcia. Resolveu voltar ao assunto que lhe interessava e a questionou em tom provocativo:

- Você acha que o amor é bom?

- Bem, para responder esta questão, nós precisamos saber primeiramente o que é a gente entende por "amor". Vamos tentar definir ou pelo menos explicar o que nós queremos significar com o uso desta palavra. Propôs a fada Lúcia.

De repente, a jovem Débora refletiu em voz alta:

- Em minha opinião, o amor refere-se a um sentimento bom quando ele nos traz a felicidade, mas é um sentimento ruim quando traz a infelicidade. Eu acho que ele é traiçoeiro, porque existe sempre a possibilidade de sofrermos e também porque não podemos escolher a pessoa ou algo que amamos.

- Eu concordo com a Débora - afirmou o bancário -, mas eu acrescentaria que o amor é um sentimento que não dura muito tempo. O amor nasce de um desejo e nós só desejamos aquilo que nos falta. No entanto, esta falta é uma forma de sofrimento. Desse modo, se uma pessoa ama alguém, esta pessoa não pode ser feliz.

- Por que não? Questionou a fada Lúcia impressionada.

- Se nós não temos o ser amado, nós não somos felizes o tempo todo e se nós satisfazemos este desejo, somos felizes durante um tempo, mas depois ele perde a graça e se acaba. Eu já fui casado e lhe digo com toda sinceridade. Com o tempo, a relação se torna monótona e até a beleza cansa. Um amor pra durar muito tem que ser ideal ou platônico. Comentou o bancário.

- Já que você falou em amor platônico, seria bom observar que a expressão "amor platônico" é usada geralmente para se referir a uma paixão ideal. Porém, acredita-se que Platão usou este termo para se referir uma tendência fundamental do ser humano em chegar ao Bem. Para ele, o amor, juntamente com a sabedoria e a inteligência, seria um dos maiores bens do homem. No entanto, existem várias definições de amor e esta discussão é mais complicada do que se imagina.

Em seguida, a jovem Débora comentou:

- Uma vez, eu li um cartão que dizia: "O coração tem suas razões, que a própria razão não conhece".

- A afirmação que você fez é muito conhecida e citada - comentou a fada. Ela foi feita pelo filósofo francês *Blaise Pascal*. No entanto, quando ele fez essa afirmação, ele não estava pensando na oposição entre sentimentos e razão como a maioria das pessoas pensa, pois a expressão "razões do coração" não se referia aos sentimentos, mas aos princípios da geometria que não são demonstráveis. Mas, voltemos nossa atenção à questão: O que é que nós entendemos por "amor", pois assim poderemos dizer se ele é bom ou ruim. - Disse a fada Lúcia.

Em seguida, o bancário comentou de modo enfático:

- Olha, eu acho esta definição de amor muito bonita, mas eu não a levo a sério porque o amor não é tão bom assim como as pessoas falam. Eu já me apaixonei e sei que um homem apaixonado volta à adolescência e acha que o sentimento não vai acabar nunca, faz de tudo pra ficar com esta pessoa, mas como eu já falei: Com o tempo, o sentimento acaba. Além disso, sou um homem e a primeira coisa que observo quando vejo uma mulher é a sua beleza física. Se ela também for inteligente, ótimo, mas isso não é a primeira coisa que me atrai.

As duas mulheres pareciam estar surpresas diante da sinceridade daquele homem ao expressar uma verdade tão banal. De repente, a fada Lúcia, muito astuta, fez a seguinte observação:

- Você falou em paixão e o termo “paixão” nem sempre significa o mesmo que a palavra “amor”. Além disso, em alguns diálogos de Platão, o amor não é considerado como algo nem bom nem mal em si mesmo, visto que o amor é amor do belo ou do bem.

- Você nunca se apaixonou por uma mulher que você acha feia ou não muito bonita? Questionou Débora curiosa enquanto colocava a mão no queixo.

- Já, mas isso é raro. Admitiu Heitor.

- Mas se é assim, então a beleza física não é tão fundamental pra você, pois você já se apaixonou por alguém independente da beleza física e ainda disse que com o tempo até a beleza cansa. Concluiu a jovem Débora enfática.

Depois deste comentário, os três riram e fada Lúcia comentou:

- Muito bem Débora. Veja todo sentimento só existe enquanto também existe alguém que o sinta. Por isso é preciso sempre cuidar de nossos sentimentos, pois um sentimento pode se acabar se você não faz nada para mantê-lo vivo. Em minha opinião, um sentimento como o amor não precisa ser eterno para ser bom. Além disso, acho que não podemos confundir a ação de amar com as consequências que este sentimento pode trazer. Fez uma breve pausa e continuou: - Existem diferentes formas de gostar do outro e algumas delas nem

sempre são manifestações de um amor ao outro, mas apenas de si mesmo. Além disso, nós podemos amar a pessoa errada e isso pode trazer infelicidade.

- Isto é verdade. Respondeu o bancário extremamente pensativo. De repente, uma tristeza imensa começou a dominar sua mente. Aflito, respirou fundo, virou-se para a jovem Débora e mudou de assunto:

- Você está com raiva deste rapaz e não quer perdoá-lo, né?

- Sim, eu sei que perdoar é bom, mas tenho dificuldade em perdoá-lo. Respondeu Débora num desabafo.

Naquele instante, o bancário comentou gesticulando com as mãos:

- Olha, eu acho que só faz sentido perdoar se o outro pedir perdão de forma sincera. Além disso, ninguém tem o direito de lhe fazer de boba. Se ele não é honesto com você, você tem o direito de ser desonesta também. Como se não bastasse o forte teor dessas palavras, aumentou o tom de voz e continuou: - Você deveria fazer justiça e lhe dar um bom troco, prejudicando ele de alguma forma.

- E você acha que se ela der um troco, esta ação o tornará melhor? - Questionou a fada Lúcia.

- Não, ele provavelmente ficará pior. Respondeu o bancário pensativo.

- Por que você chama isto de fazer justiça então? Indagou Lúcia.

- Porque isto é o que ele merece. E agindo assim, ela se sentirá melhor. Revidou o bancário.

- Eu não teria tanta certeza assim, pois esta ação também não a tornaria melhor e justa. Por que aquele que sofre uma injustiça, ganharia através disso o direito de fazer algo ruim? Lembre-se que o desejo de vingança traz consigo muitas mágoas e ressentimentos que não serão eliminados com a vingança. Ao invés disso são cada vez mais alimentados por ela, gerando, assim, mais decepção ainda. Reagiu a fada Lúcia sem hesitação.

Naquele instante, a fada Lúcia teve certeza da má influência da bruxa Emilly na vida de Heitor, pois ele não ensinava o perdão, mas apenas a guardar mágoa e não se conformar com as decepções da vida. Muito cautelosa, resolveu conhecer um pouco mais da história de vida daquele bancário e pediu suavemente:

- Mas, por favor, conte-nos como foi o seu dia hoje, Heitor.

Em seguida, o bancário Heitor descreveu os sentimentos que ele teve na manhã daquele dia com o pensamento distante:

O dia raiou, ai que lindo dia!
Abro a janela e deixo o sol entrar.
Ligo o meu rádio, tomo o meu café.
Hoje é sexta-feira, eu vou trabalhar.
E toca telefone (trin) e haja ver papel.
Eu acho que o relógio também não quer trabalhar.
E toca telefone (trin) e haja ver papel.
Eu acho que o relógio também não quer trabalhar.

Mas o dia vai passar e no fim da tarde eu estarei num bar.
E haja gole de cerveja e haja pappear.
E no batuque do tambor eu posso me esbaldar.
E haja gole de cerveja e haja pappear.
E no batuque do tambor eu quero me esbaldar

Mas a noite vai também passar.
Quando eu chego em casa, a saudade vai chegar,
pois eu chego em casa e você não está.
Quando eu chego em casa, a saudade vai chegar,
pois eu chego em casa e você não está.

Após ouvir a canção, Débora ficou mais curiosa ainda em saber um pouco mais da vida daquele homem e questionou:

- Você estava se referindo a sua ex-esposa?
- Sim. Disse o homem num desabafo e com o coração apertado.

- Então você ainda gosta dela. - Concluiu a jovem impressionada.

O bancário balbuciou:

- Sim.

- Mas se é assim, o amor não acabou como você mesmo afirmou. Disse a jovem Débora atônita diante daquela admissão. Fez breve pausa e continuou: - Se você ainda a ama, por que se separou dela?

Com os olhos marejados e um pouco sem jeito, o homem respondeu de forma sincera:

- Nós queríamos muito ter um filho, mas ela nunca engravidou. No começo, eu pensei que ela fosse estéril, mas depois nós descobrimos que eu é que sou estéril. Fez pausa. Depois, continuou falando ao balançar a cabeça: Ela pensou em adoção, mas eu fui contra. Depois disso, a nossa relação foi se desgastando e um dia ela pediu a separação.

- Que pena! Disse Débora um pouco confusa. Depois, sussurrou ao ouvido de Lúcia: - Eu ainda não entendi bem o que ele tem pra me ensinar?

- Bem, acho que é a lidar como a decepção, só que, até agora, de um jeito diferente, isto é, mostrando um modelo que não deveria ser seguido. Respondeu Lúcia discretamente.

Heitor mostrava-se orgulhoso e estava cheio de mágoas. Naquele instante, a bruxa Emilly surgiu de modo invisível e sussurrou algo em seu ouvido. Ele respirou profundo e continuou a falar:

- Às vezes, a gente passa a vida inteira sendo bom para uma pessoa e investe nela com toda a alma, mas um dia ela se mostra ingrata e a desilusão chega com toda a força. Com o passar do tempo, você irá perceber que a vida é injusta e as pessoas sempre nos decepcionam. Isto mostra que não vale a pena amar ninguém incondicionalmente. No fundo, todos só querem se dar bem. Fez pausa. Fixou o olhar em Débora e continuou enfático: - Minha jovem, eu falo de experiência própria. Minha esposa me deixou e a outra acabou de me roubar. A lição de vida que eu posso lhe dizer é: Nós vivemos em sociedade e temos que lidar com os outros de algum jeito. Como o

mundo é dos mais espertos, nós devemos estar sempre atentos e não podemos confiar no outro.

Imediatamente a fada Lúcia revidou:

- De fato, algumas pessoas agem como se uma ação ruim fosse mais valorosa do que uma ação boa. Isso acontece quando uma pessoa não é capaz de perdoar o outro. Por exemplo: Uma pessoa age corretamente com você várias vezes e no dia em que ela erra, ela não merece o seu perdão. Você acha isso justo? O outro é uma caixinha de surpresa e não importa quão bom ele seja, ele poderá um dia magoá-la. O fato de haver algumas pessoas que fazem ações ruins porque desenvolveram uma inclinação para as mesmas, não significa que todos têm a mesma inclinação. Isto é uma generalização muito apressada.

- Então continue confiando nos outros. Quando você quebrar sua cara, quero ver você pensar assim. A minha experiência de vida é uma justificativa suficiente para mim. Disse o bancário em voz alta sentindo-se cheio de razão.

Naquele momento, a fada Lúcia não deixou se intimidar com o tom alto de Heitor e seus gestos fortes. No fundo, ela sentia que Emilly estava acompanhando a conversa. Manteve o seu tom de voz sereno e falou de forma segura:

- Se não confiarmos mais em ninguém, não poderemos estabelecer relações verdadeiras. Fez uma breve pausa e o indagou: - Você acha que este modo de vida lhe faz feliz? Você nunca pensou mesmo em perdoar sua esposa, a si mesmo e construir planos mais flexíveis para evitar decepções como essas?

- Mas que conversa é esta? Você está querendo fazer um sermão religioso agora? Indagou Heitor impaciente e com os olhos mareados.

- Não. Em minha opinião, estes conselhos são lições de vida e podem ser ensinadas por qualquer um. Na antiguidade, já dizia o poeta grego Hesíodo: "Homem excelente é quem por si mesmo tudo pensa, refletindo o que então e até o fim seja melhor; e é bom também quem ao bom conselheiro obedece; mas quem não pensa por si nem ouve o outro é atingido no

ânimo; este, pois, é homem inútil”.³ Respondeu a fada calmamente.

Naquele instante, Heitor irritou-se, bateu com a mão na mesa e protestou:

- Este mundo é injusto. Eu batalhei a vida inteira pra ter condições financeiras e formar uma família, mas eu não consegui.

A fada Lúcia insistiu:

- Mas você tinha uma família. Será que a vida lhe deve tanto mesmo? Talvez a vida já tenha lhe proporcionado várias coisas boas. Muitas pessoas são infelizes porque não conseguem ver as coisas boas da vida que já colheu e porque perderam a capacidade de amar a si mesmo, ao outro e ao mundo. Ninguém é tão especial assim pra exigir da vida a realização de todos os seus sonhos. Você tinha outras opções, como por exemplo, adotar uma criança.

Naquele instante, Heitor deu uma gargalhada forçada, sem graça e falou:

- Hahahaha! Você está louca! Eu jamais criaria um filho que não tivesse o meu sangue.

- Que pena! O senhor seria feliz se aprendesse que aquilo que une os seres humanos não é um laço de sangue, mas sim o amor, disse a fada Lúcia.

Débora estava pasma. Virou-se e olhou triste e pensativa para Breno. Enquanto isto, Heitor também ficou pensativo e não abriu a boca. Daí então, eles começaram a questionar algumas de suas velhas opiniões. De repente, o feitiço voltou-se contra a bruxa Emilly, pois o próprio Heitor respirou fundo e admitiu ainda com os olhos marejados:

- Talvez você tenha razão. Ainda sou capaz de ser feliz simplesmente ao ver o sol raiar, ao ouvir uma boa música, ao conversar com meus melhores amigos num bar, mas o meu orgulho ferido, por não poder ter filhos, e o desejo de ser pai

³ HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2008, p.43, v. 293-296.

me impediram de ser feliz com minha esposa. Mas às vezes, eu acho que, junto dela, tinha tudo pra ser feliz.

- Veja Heitor, para o filósofo grego Epicuro, existem dois tipos diferentes de desejo: os *naturais* e os *frívolos*. Os desejos naturais podem ser necessários ou desnecessários. Os necessários são desejos como beber, comer e dormir. Os desnecessários são os desejos de comer apenas comidas refinadas, tomar bebidas caras. Os desejos frívolos e desnecessários são os desejos artificiais como a riqueza, a glória e desejos irrealizáveis como, por exemplo, a imortalidade. Se você cultivar desejos frívolos e desnecessários, você não será feliz. A *prudência* é o supremo bem de nossas escolhas. Você já ganha o suficiente para viver bem, tem bons amigos e tinha uma esposa que lhe amava. Comentou a fada Lúcia.

- É verdade, mas não fui capaz de reconhecer o valor de tudo isso. Fiquei tão fixado em ter uma criança que o resto se tornou sem valor. Essa decepção atormenta o meu coração. Disse Heitor num desabafo.

- O primeiro passo que devemos fazer para lidar com a decepção é aceitá-la. Disse a fada Lúcia.

Em seguida, Heitor continuou refletindo um pouco mais com os seus botões. De repente, levantou-se e começou a cantar:

A distância está o ideal.

Só a dor é tão real.

Eu tenho que aceitar que nem todo desejo tem de se realizar.

Sei que a vida não me deve quase nada.

Eu não vou culpar o mundo nem meu Senhor.

*Eu tento do meu jeito aceitar a desilusão,
pois a decepção vive cada um sem exceção.*

Na tristeza a gente vive.

Na incerteza a gente insiste ter desejos vãos e atrai a decepção.

Então muda coração!

Muda coração!

Muda coração!

Lentamente, os efeitos da bruxa Emily foram sumindo da alma de Heitor e ele foi desaparecendo. De repente ele acordou e levantou-se da cadeira em que dormia, despediu-se dos amigos com um abraço sincero e saiu do restaurante. Em seguida, a fada Lúcia segurou a mão de Débora suavemente e falou:

- Acho que agora podemos deixar este lugar. Pode ser?

- Sim. Disse a jovem.

A fada então disse novamente a palavra mágica: “- Sol invictus”. De repente, surgiu a luz intensa e as duas voltaram para o aterro da praia de Iracema.

CAPÍTULO 4



A MORADORA DE RUA

Na praia de Iracema, a estranha moradora de rua ainda estava adormecida no banco de madeira. No entanto, ao seu lado, estava sua alma sentada a cantar defronte ao mar:

Na calmaria da noite, a solidão arrepia.
Mas o que posso fazer se não estás comigo aqui?
Meu coração chora em pranto.
De ti restou só este canto.

Vem que a noite é tão bela!
Vem e será primavera!
Vem que a dor não se cala!
Vem não me deixe à espera!

Na correria da vida, as horas voam no tempo.
Talvez eu possa viver se não estás comigo aqui.
Meu coração diz, no entanto:
Triste é a dor do desencontro.

Vem que a noite é tão bela!
Vem e será primavera!
Vem que a dor não se cala!
Vem não me deixe à espera!

De repente, a alma da moradora de rua percebeu que pessoas se aproximavam. Virou-se e perguntou:

- Quem são vocês?
- Meu nome é Lúcia e esta é minha amiga Débora.

Respondeu carinhosamente a fada.

Naquele instante, Débora observou a aparência da moradora de rua e teve a rápida impressão de que conhecia bem

aquela mulher. Ela calçava uma sandália rasteira, vestia uma blusa amarela com marcas do tempo e uma saia longa estampada. Aos poucos, a jovem percebeu alguns traços físicos semelhantes aos seus tais como a estatura, a cor dos olhos, o cabelo longo, liso e até mesmo a mania de colocar uma parte do cabelo atrás da orelha. A estranha moradora de rua parecia ser ela mesma, embora tivesse um olhar sofrido e fosse mais ou menos vinte anos mais velha do que Débora. Assustada e muito curiosa a jovem perguntou:

- Como a senhora se chama?

- Meu nome é Renata. Respondeu a mulher.

- Por que a senhora está dormindo aqui? A senhora não tem casa? Continuou Débora a indagar:

A mulher respirou profundamente e falou num desabafo:

- Não exatamente. Eu já tive uma casa, um bom emprego e um marido. Um dia, nós estávamos numa festa de aniversário e o meu marido tinha bebido muito, mas achou que apesar disto ele teria condições de dirigir. Fez uma breve pausa e continuou a falar enquanto balançava a cabeça: - Ah, a gente tem o hábito de achar que desgraça só acontece com os outros! Mas naquele dia, nós sofremos um acidente de trânsito e apenas eu sobrevivi. Eu não deveria ter permitido ele fazer essa loucura. Hoje eu não consigo me perdoar, pois a gente deveria ter pensado melhor antes de agir. Fez outra pausa. Continuou: Em qualquer idade, quem tem cabeça de vento semeia o vento e às vezes colhe a tempestade.

- Que coisa triste! Então, é por isso que você se tornou uma moradora de rua? Concluiu a jovem espantada com a declaração daquela mulher.

- Sim. Desde então, eu vivo andando pelo mundo sem rumo esperando a morte chegar ou um milagre acontecer. Quem sabe um dia, eu irei revê-lo. Respondeu a mulher num apelo de desespero.

Naquele momento, os olhos de Débora encheram-se de lágrimas. Ela olhou pra fada Lúcia e pediu quase num sussurro:

- Não, isto não é um sonho. Só pode ser um pesadelo. Chega! Eu quero acordar.

- O que você esperava que eu fosse lhe mostrar? Que a vida é um mar de rosas ou um lindo conto de fadas? Disse a fada Lúcia.

- O que é que se pode dizer numa situação como esta? Questionou Débora triste.

- Que a vida deve continuar mesmo com todo pesar. Além disso, não se deve amar apenas uma pessoa ou uma atividade na vida porque tudo é passageiro. Em seguida, virou-se pra moradora de rua e continuou: - Eu sei que vocês foram felizes enquanto viveram juntos. A sua dor é compreensível, mas a senhora também deveria agradecer a vida por ter conhecido o amor verdadeiro neste mundo. Muitas pessoas passam pela vida e não sabem o que é amar e ser amada. Mais triste ainda é ter o coração vazio. O que houve com o amor que você tinha por seus pais e pelas coisas mais simples do mundo?

- Eu não tenho mais ânimo pra nada e nem consigo me perdoar.

- Você necessita amar a si mesma pra se perdoar. Disse a fada Lúcia enfática.

- Você tem pai e mãe? Perguntou Débora curiosa.

- Sim e eles lamentam muito a minha ausência e minha forma de vida. - Respondeu a moradora de rua baixando a cabeça.

- Saiba que teu canto triste também pode ser sentido por eles. Se você acha essa dor terrível, pense que eles estão sentindo quase a mesma dor que você, pois sua filha não morreu, mas vive a morte em vida. Disse a fada Lúcia.

- É verdade. Pra ser sincera, eu também sinto a falta deles. Admitiu Renata com os olhos marejados.

Em seguida, essa alma foi desaparecendo lentamente. De repente, Renata acordou, levantou-se do banco e saiu no rumo da casa dos pais como uma filha pródiga que retorna e sumiu. Débora e Lúcia sentaram-se. Débora suspirou:

-Essa lição foi cruel! Bom seria se a gente pudesse primeiramente ensaiar o texto de nossa vida, só depois começar a viver.

- Sim, isso não seria nada mal. Concordou a fada Lúcia.

- Esta mulher existe de verdade? Por que ela se parece tanto comigo? Disse a jovem ainda impressionada.

- Eu não sei. Sinceramente não posso responder todas as suas questões, pois não tenho respostas para tudo. Talvez o fato dela se parecer tanto com você tenha algum objetivo, como por exemplo, isso pode facilitar você colocar-se melhor em sua situação, pois você ou alguém de sua família poderia estar em seu lugar e ter a mesma experiência.

- Deus me livre! Eu não queria que ninguém passasse por isso. Alguém poderia evitar passar por uma experiência triste assim ou não temos como fugir de nosso destino?

- Se houver aquilo que vocês chamam de destino, isso não pode ser possível. Você não acha? Eu não sei se há destino, mas eu tenho dificuldades em acreditar nisso, pois essa ideia parece ser incompatível com nossa liberdade.

- Mas alguns eventos parecem ocorrer independentemente de nossos desejos e ações. Indagou Débora.

- Sim, mas outros parecem ser consequências de nossas ações. Infelizmente não podemos prever todas as consequências de nossas ações, mas isso não significa que não devemos pensar bem antes de agir. Mesmo que eu esteja errada e haja um destino determinado pra cada um de nós, talvez, uma grande parte de nosso futuro seja determinada por nossas ações nesta vida. Pense mais a respeito da afirmação desta moradora de rua que nunca acreditamos que algo ruim possa acontecer com a gente, principalmente quando nós somos muito jovens.

-Tá certo. Isso também mostra que a felicidade não depende só da gente né? Questionou Débora pensativa.

- Sim, mas existem diferentes modos de lidar com uma experiência triste assim. Respondeu Lúcia.

- Eu não gosto de pensar na morte. Disse a jovem num desabafo.

- Eu entendo, mas a morte é um destino certo - respondeu carinhosamente a fada. Não adianta desejar ser imortal, pois este desejo não pode ser realizado neste mundo. A consciência da morte pode causar tristeza, angústia e até mesmo a depressão. No entanto, se esta consciência nos paralisar, nós teremos a morte em vida que eu acho muito pior do que a morte corpórea.

- O que seria a morte em vida? Perguntou a jovem com curiosidade.

- A morte em vida é uma morte relativa, é a perda de algo significativo. Por exemplo, se alguém perde a curiosidade por aprender algo novo ou a capacidade de ter prazer com as coisas simples da vida, esta pessoa morre em vida. Toda perda gera luto. A Renata sobreviveu ao acidente de trânsito, mas algo significativo dentro dela faleceu. Por isso, ela se tornou uma moradora de rua e passou a viver a morte em vida. Falou a fada Lúcia.

- Você acha que é verdade que morremos todos os dias um pouco? Indagou Débora mais uma vez.

- Sim, mas não é porque envelhecemos, mas sim porque nascemos cheios de esperança e sonhos e com o passar do tempo, percebemos a pobreza ao redor, a violência, as desigualdades e pouco a pouco os sonhos vão morrendo. Estas mortes geram vários lutos. Muitos não querem perceber que estão morrendo, por isso preferem se entregar a uma vida de prazeres efêmeros como as bebidas, as drogas, as relações superficiais e infelizmente só aprendem muito tarde que esta não é a verdadeira felicidade.

- Será que a gente vive para aprender? Perguntou Débora.

- Eu diria o contrário. Acredito verdadeiramente que a gente deve aprender para melhor viver. Por isso, devemos aprender a amar a sabedoria o quanto antes, pois só assim aprenderemos a viver bem. Disse docemente a fada.

- Mas, será que não sou muito jovem para aprender tudo isso? Estas questões são tão difíceis e eu só tenho uma noite para aprendê-las e tentar praticá-las na minha festa de

debutante. Sinceramente, tenho medo de novo de não conseguir fazer isso. Comentou Débora pensativa e um pouco temerosa.

- Minha querida, eu concordo com o filósofo Epicuro que defendia que nunca é cedo demais ou tarde demais para aprender lições filosóficas. Você não estará sozinha. Escute sempre os seus verdadeiros amigos e aqueles que lhe amam. Quando você não concordar com suas ideias, procure motivos melhores que os deles para rejeitar seus conselhos. Se você for capaz de fazer esta tarefa, então você já estará filosofando e colocando em prática parte do que aprendeu através de nossas discussões.

- Está bem. Fez uma breve pausa e continuou: - Eu posso lhe fazer mais uma pergunta? Disse a jovem Débora.

- Sim.

- Algumas pessoas acreditam que existe a vida após a morte e elas conseguem lidar melhor com a perda de um ente querido. Por que você não consolou Renata assim? Você não acha que isso é verdade? Eu acho que neste sentido, as pessoas religiosas têm uma vantagem em relação às não religiosas, pois assim elas conseguem se conformar com a morte mais facilmente. Débora olhava ansiosamente para Lúcia esperando uma resposta. A fada passou a mão na cabeça da jovem e carinhosamente falou:

- Pode ser, mas um verdadeiro filósofo não defende uma ideia porque ela lhe parece trazer algum benefício próprio, mas sim porque ela se aproxima da verdade.

- Mas você, Lúcia, disse que quando sonhamos, a alma separa-se do corpo e vai para onde necessita ir. Isso não significa que existe a reencarnação da alma? Questionou a jovem impressionada.

-Veja: eu falei que a alma se separa do corpo quando sonhamos, mas eu não disse que a alma se reencarna em outros corpos. Eu sou apenas uma fada guia, não sou uma deusa divina que tudo sabe sobre a vida e o mundo. Se eu soubesse de tudo, não levantaria tantas questões filosóficas. Observou a fada Lúcia.

- Tá certo. Mas o que eu teria aprendido se eu tivesse escolhido o catador de lixo? Questionou a jovem Débora.
- Olhe para direita e você logo saberá.

CAPÍTULO 5



O CATADOR DE LIXO

Em seguida, Débora e a fada Lúcia saíram em direção do catador de lixo. O homem era forte, tamanho médio, tinha a pela castigada pelo sol, usava uma camisa velha da seleção brasileira, um calção marrom desbotado e um boné. Os pés calejados destacam-se através de suas sandálias pretas de estilo franciscano. Era um homem disposto, bondoso e solidário. De repente, Débora, muito curiosa, aproximou-se e indagou:

- Senhor, senhor, por favor, nós podemos conversar um pouco?

O homem não abriu a boca e permaneceu indiferente.

- Ele não pode lhe ver nem ouvir, pois não está dormindo. No entanto, para meu propósito será suficiente apenas observá-lo, disse a fada Lúcia.

Enquanto isso, o homem continuava arrastando sua carroça e catando o lixo que encontrava na avenida, na calçada e até mesmo na areia da praia. Elas o seguiram durante meia hora. Débora parecia estar um pouco decepcionada, pois esperava ouvir uma boa história. De repente, já um pouco impaciente, a jovem comentou:

- Ele sempre faz a mesma ação e não fala nada. Eu não vejo graça nisso!

- Eu já imaginava - respondeu a fada. Mas sobre este homem, o que você me diz? Você acha que ele é feliz?

- Não sei, ele até parece ser feliz, mas algo me diz que isso é meio louco, pois o trabalho dele é chato e depois de tantos passos, essa carroça deve pesar tanto que cada vez mais

aumenta o seu cansaço. No entanto, ele nem sequer resmungava. Eu não entendo isso.

A fada Lúcia sorriu e falou:

- Pois bem, com ele você aprenderá uma lição bem sutil: se você quiser conquistar a felicidade, deverá também adquirir a capacidade de suportar uma boa dose de tédio, pois a vida nem sempre é um filme cheio de aventuras e mistérios.

- Você quer dizer que apesar de seu trabalho ser árduo e tedioso, ele é feliz. Mas como isso é possível? Perguntou Débora aflita.

- Eu entendo seu estranhamento. Esse homem é mais uma vítima do egoísmo e da ganância das pessoas que dominam este mundo, pois ele é explorado por seu atravessador e pelos proprietários de depósitos de lixo. Além disso, ele sofre preconceito e desprezo de alguns moradores desta cidade. Mas se refletirmos bem, poderemos perceber que seu trabalho é nobre, pois uma parte do lixo que ele cata está ali por causa de uma ação esnobe de seres que acham que tudo podem e não têm a grandeza de se importarem com a limpeza de sua própria cidade e com a natureza.

Depois de refletir sobre as palavras da fada Lúcia, Débora concordava em parte com suas ideias, mas não conseguia aceitar tudo. Pôs a mão no queixo e questionou:

- Veja Lúcia. Se ele é explorado por seu atravessador, como pode então ele ser feliz? Sua felicidade deve ser uma ilusão, um fruto da ignorância da situação, pois senso crítico ele não deve ter não.

Naquele instante, a fada Lúcia admirou-se com a astúcia de Débora e comentou:

- Até onde eu sei, esse explorado reconhece o explorador, mas pra essa dor ele não dá muito valor. A felicidade não é uma coisa que se carrega ou se encontra no meio do caminho, Débora. Ela é um sentimento que se conquista e como muitos sentimentos, ela só existe enquanto existe um ser que se permite senti-la. Apesar da injustiça que esse homem vive, ele é feliz porque sua alma tem paz e o mal não faz. Assim, o catador de lixo tem algo de luxo, visto que carrega paz e amor

no coração. Esses sentimentos valem ouro e não tem tesouro mais valioso do que esse. Além disso, ele valoriza aquilo que ele tem e não o que não tem. Fez uma breve pausa e depois continuou: – Mas eu entendo sua indignação e também acredito que se as pessoas exigissem mais justiça, este mundo seria melhor. Mas você acha que alguém consegue fazer isso sozinho?

– Não. Disse Débora pensativa.

– Talvez ele pense da mesma forma. Por isso, acabou resignando-se. Faz sentido em alguns casos questionar se tanta resignação é algo bom ou não. Falou a fada Lúcia.

– Sim, eu entendo. Mas quem ele é? Perguntou Débora com o coração consternado.

– Na juventude, sonhava fazer arquitetura, pois ele adora fazer desenhos arquitetônicos, mas infelizmente não teve a oportunidade de estudar. É o terceiro filho de uma família pobre e tem seis irmãos. Sua mãe trabalhava em uma casa de família para sustentar os filhos.

– Qual é o seu nome?

– Robson.

Naquele instante, o catador de lixo, pegou uma folha em branco do chão, tirou um lápis da sacola, sentou-se num banco de costas para o mar e começou a desenhar um antigo prédio branco da cidade chamado “São Pedro”. Elas pararam e ficaram a observá-lo atenciosamente. Em poucos minutos, um lindo desenho estava pronto. As duas olhavam encantadas para o desenho. Então, a fada Lúcia suspirou e comentou:

– Que desenho lindo!

Em seguida, a jovem tirou uma foto do desenho com seu celular e falou:

– Sim. Eu acho este edifício branco um charme.

A fada Lúcia sorriu e pensativa comentou:

– É verdade. Este prédio é antigo e parece à primeira vista não combinar com os outros prédios modernos ao seu redor, mas sua simplicidade faz esta parte da cidade mais natural, humana e romântica também. Este catador de lixo possui uma sensibilidade incrível para perceber isso e transmitir

esta beleza através de sua arte. Mas quando eu vejo alguém com uma habilidade especial assim na situação de Robson, eu tenho uma mistura de alegria e tristeza, pois é possível perceber que muitos talentos são desperdiçados aqui neste país porque nem todos têm oportunidades de estudar e fazer aquilo que realmente gostam.

- Você tem razão - concordou alegremente Débora. Ele é um excelente desenhista!

Enquanto isso, o catador continuou com sua pausa e começou a fazer um lanche simples admirando a beleza ao redor.

- Sim, ele desenha muito bem, Débora, e perceba que a arte também é uma virtude. No entanto, ela se diferencia da felicidade, pois a felicidade é autossuficiente.

- Como assim?

- Segundo Aristóteles, quem deseja praticar a arte, deseja praticá-la porque quer ser feliz. No entanto, a felicidade é algo desejado em si mesmo. Ela não é um meio para atingir algo, mas sim o fim. Todos querem ser felizes, até mesmo aqueles que tentam se matar. Disse a fada Lúcia.

- Faz sentido, mas por que ele tem amor no coração? Perguntou lhe Débora

- Este homem ama a si mesmo, pois ao praticar boas ações, ele faz o bem a si mesmo e aos outros. Além disso, ele gostaria de ser arquiteto não porque ele acha que este ofício lhe traria honras, muito dinheiro e status social, mas porque este trabalho lhe traria mais felicidade ainda.

- Você não acha que a felicidade é algo subjetivo? Questionou a jovem Débora enquanto caminhava ao lado do catador de lixo.

- Não é exatamente assim que Aristóteles pensava - respondeu Lúcia. Ele acreditava que a felicidade não é algo transitório nem subjetivo, mas é algo permanente.

- Mas ninguém é feliz o tempo todo. O catador de lixo não deve ser feliz quando ele sofre preconceito. Revidou Débora.

- Por isso mesmo. Você concorda que um dia quente ou uma andorinha não faz um verão?

- Sim.

- Da mesma forma, é a felicidade, Débora. Um dia feliz não faz um homem feliz. A felicidade é permanente porque ela é um modo de vida. A felicidade depende tanto do convívio social quanto dos nossos hábitos, pois a virtude é uma disposição de caráter.

A jovem fez uma pequena pausa refletiu um pouco sobre as palavras da fada Lúcia e concluiu:

- Se alguém é feliz através da virtude e nós adquirimos este hábito através da reflexão filosófica e da prática de boas ações. Então a filosofia é necessária para sermos felizes?

- Está é uma boa questão, Débora! Se alguém me perguntasse: Quando deveríamos estudar mais filosofia? Eu responderia: Quando temos tudo para sermos felizes e não conseguimos, pois ninguém é feliz sem o exercício prático da razão e, para bem viver, precisamos saber filosofar.

De repente, o catador levantou-se e continuou a trabalhar.

- Mas o mendigo não é um filósofo, é? Questionou a jovem impressionada.

- Depende do que se entende por filósofo - respondeu da fada Lúcia. Em minha opinião: se alguém é capaz de ser feliz nas condições em que este homem vive de forma lúcida, isto é, sem o uso de drogas, bebidas ou diversões passageiras, esta pessoa conseguiu atingir a conduta moral moderada, sem excessos. Tem gente que tem uma fortuna, outros passam a vida inteira estudando e não conseguem alcançar isso. Por tudo isso, ele é um sábio e é feliz.

- Estranho! Débora comentou admirada. Você disse que ele não terminou seu estudo. O que significa exatamente um sábio pra você?

- Um sábio não é aquele que sabe tudo, mas é aquele que conhece e sabe apreciar a vida com profundidade. Isso também não significa que ele é sempre sábio, pois todos nós temos momentos de loucura e momentos de sabedoria.

- Interessante. Ele consegue ser feliz mesmo não tendo tudo o que deseja. À primeira vista, faria mais sentido o bancário ser feliz do que este homem. Comentou Débora pensativa.

- Ser feliz é ter o que se deseja, mas não é ter tudo o que se deseja – comentou Lúcia. O catador de lixo desejou ter boas amizades e ele conseguiu. Ele desejou ter alguém que o ama de verdade e ele o conseguiu. Se sua mulher fosse interessada, ela não estaria com um homem que ganha pouco dinheiro. Além disso, ele não deseja fama, nem glórias nem coisas materiais supérfluas como o mais novo celular, o carro do ano, o tênis da moda etc. Um homem que é muito ambicioso, não é nobre e não é realmente livre. Essa ideia já foi defendida por vários filósofos, inclusive um filósofo contemporâneo chamado Bertrand Russell.

- Então você acha que ele consegue ser mais feliz do que o bancário porque tem menos dinheiro? Questionou Débora impressionada.

- Eu não afirmei isso. A questão não é ter mais ou ter menos. Eu falei que ele é feliz porque é nobre, ou seja, porque ele é capaz de praticar boas ações. Existem ricos que são nobres também e por isso são felizes. No entanto, eu também acho que a vida dedicada exclusivamente à riqueza é uma vida forçada. Este foi o erro que o bancário cometeu. Ele se dedicou demais à riqueza e se preocupou demais com opinião dos outros. Ele não tinha humildade e achava que seu sangue é tão importante que apenas um filho de sangue seria digno de ser amado por ele. Por isso, ele não é feliz como o catador de lixo. Além disso, em seu mundo, quanto mais rico é um indivíduo mais pessoas falsas ele terá ao seu redor. Respondeu a fada Lúcia de modo sereno.

- Por quê? Os olhos de Débora brilhavam de curiosidade.

- Geralmente, as pessoas evitam falar a verdade pra alguém que tem uma alta posição social, pois a sua amizade é vantajosa e sua inimizade pode às vezes ser perigosa. A verdade é algo bom, mas muitas pessoas se incomodam com a

verdade e ficam magoadas ao ouvir críticas. Mesmo assim, elas pensam a respeito dessas críticas e muitas vezes aprendem algo com elas. Por este motivo, a verdade parece ser mais vantajosa pra quem escuta do que pra quem fala. Com o tempo, você irá observar que as pessoas não falam uma das outras da mesma forma se elas estão ausentes ou presentes. O problema deste pensamento humano e dessas atitudes é que vocês constroem um mundo cheio de hipocrisias, onde a mentira é ensinada às crianças e ainda tentam justificá-las dizendo que falar a verdade em certas situações é uma falta de educação.

- Mas não dá pra dizer sempre a verdade. Se uma colega da escola me perguntasse se a roupa que ela comprou é feia ou bonita, eu ficaria sem graça em dizer que eu acho a roupa dela feia. Comentou a jovem enquanto caminhava e observava o catador de lixo a trabalhar.

- Mas ninguém tem a obrigação de ter o mesmo gosto em relação à roupa. Você faria o mesmo com uma boa amiga?

A jovem parou para refletir um pouco mais e depois acabou admitindo:

- Não, com a Rute, é diferente. Pra ela, eu diria a verdade.

- Essa é uma boa amizade - comentou contente a fada Lúcia. Se as pessoas são hipócritas, elas acabam se tornando vazias e solitárias, pois, no fundo, elas sabem que são falsas e só podem confiar em si mesmas. Aí está uma das maiores causas do mal estar da humanidade: Elas mentem para os outros fingindo ser o que não são, criando uma falsa imagem no contato com outros, seja pessoalmente ou nos meios digitais. E o que é pior ainda: algumas pessoas acabam tentando mentir também pra si mesmas. Mas o autoengano é doloroso e surge em seus pesadelos. A sinceridade é mais uma virtude que o catador de lixo possui e que possibilita sua felicidade. Ele é verdadeiro consigo mesmo e por isso não precisa tentar fugir de si mesmo. Se você é verdadeira consigo mesma, você pode amar a si mesma e ser feliz.

- Eu entendo, mas mesmo ele tendo tantas virtudes, eu ainda estou impressionada como alguém assim consegue ser mais feliz do que o bancário. Insistiu Débora.

- Débora, vamos tentar nos lembrar de como o bancário descreveu seu dia. Ele foi ao trabalho contando as horas pra sair de lá, depois foi para um bar beber e dançar com o objetivo de esquecer seus problemas, mas quando a noite chegou, ele sentiu saudades e os sentimentos que ele queria esquecer retornaram à sua mente. Não podemos ignorar nossos sentimentos o tempo todo e o bancário nos deixou isso claro em nosso encontro.

- Mas a diversão é importante! Se a gente fica triste, nós devemos procurar diversão. Senão, não dá pra ser feliz. Reafirmou Débora.

A fada Lúcia sorriu e serenamente comentou:

- A diversão é boa se você a procura em si mesma, mas se você procura a agitação em busca de ter paz, você não conseguirá ter paz, mas apenas mais agitação.

E Débora, sentindo-se confusa com as palavras da fada Lúcia, perguntou:

- Como assim?

- Se você tiver um problema, deverá enfrentá-lo com coragem e não fugir dele, pois, neste caso, a alegria que a diversão traz é ilusória. Por exemplo: Uma pessoa pode pular o carnaval inteiro, beber, brincar à vontade e se esquecer de um problema por algum instante. Esquecer um problema temporariamente não é o mesmo que resolvê-lo, mas sim adiá-lo. Certa vez, o filósofo francês Blaise Pascal afirmou com razão que não é necessário parar de pensar para sermos realmente felizes, mas pensarmos melhor.

- Então a diversão só é boa quando você não a procura para esquecer seus problemas? Indagou Débora tentando compreender aquelas palavras.

- Sim - confirmou alegremente a fada. Divirta-se com o objetivo de ser feliz com os outros e não para fugir de si mesma e a sua diversão lhe trará a verdadeira felicidade.

- Agora, eu acho que entendi - respondeu alegremente a jovem. O catador de lixo também é corajoso diante de seus problemas?

- Sim. Além disso, ele possui a temperança. Disse a fada Lúcia.

- O que é a temperança? Débora perguntou ávida de curiosidade.

- A temperança é um meio-termo entre o prazer e o sofrimento. Ela é um hábito que se adquire com a prática da mesma forma que a arte de desenhar. Por exemplo, o catador de lixo tem prazer ao ver uma partida de futebol e fica feliz quando seu time ganha. No entanto, se o seu time ganha, ele é feliz de forma moderada. E se o seu time não ganha, ele não sofre ao extremo, isto é, não sofre ao ponto de querer brigar com os outros torcedores rivais ou quebrar alguma coisa porque se sente indignado ou irritado. Ele tem temperança porque tem prazer e sofrimento na medida certa. Isso vale para outros casos semelhantes.

- Todo homem virtuoso é feliz? Débora questionou a fada mais uma vez.

- Não, o homem virtuoso também está sujeito a ser infeliz.

- Por quê? Perguntou Débora com um ar triste e continuou: Você não tinha falado, que um tal de Aristóteles havia afirmado que a felicidade era algo permanente?

- Sim, mas existem diferentes causas da infelicidade. Se uma pessoa não possui saúde, vive na miséria absoluta ou acabou de perder alguém que muito ama, ela não consegue ser feliz tão facilmente. Como, por exemplo, a Renata que você conheceu anteriormente. Respondeu a fada Lúcia.

- Então eu devo procurar a felicidade o quanto antes. Disse a jovem decidida.

A fada Lúcia balançou a cabeça, sorriu e respondeu:

- Não. Felizes são os sábios, pois os sábios não esperam quase nada, inclusive a felicidade. Se você viver a vida procurando a felicidade, você não a encontrará, pois nunca estará no presente.

- Como assim? Questionou a jovem cada vez mais pasma com as opiniões daquela fada.

- Durante o dia e a noite, muitos homens vivem com seus pensamentos ou no passado ou no futuro e o presente deixa de ser vivido. Quanto mais feliz é um homem, menos esperança ele tem.

- Que coisa estranha! Mas a esperança é uma coisa boa. Disse a jovem balançando a cabeça.

- Sim, mas a esperança sem a vontade e ação nunca poderá deixar de ser esperança. O que estou querendo dizer, é que deveríamos pensar mais, agir quando podemos e amar um pouco mais e melhor.

- Você fala tanto de amor. Eu acho que você é romântica também, mas eu queria entender qual é a relação entre a felicidade e o amor e o que significa pra você amar melhor, fada Lúcia?

- Eu me fiz essas pergunta várias vezes - respondeu a fada. Através da observação de pessoas felizes, eu percebi que não há felicidade sem amor, pois quem é feliz ama a si mesmo e a própria vida e têm uma facilidade maior em amar os outros. A pessoa feliz não sonha sua própria vida, mas vive o sonho que é viver. Além disso, eu percebi que muitas pessoas são felizes quando estão apaixonadas e o ser amado não lhe falta. Mas, desse modo, elas vivem numa corda bamba, pois se você gosta de alguém e não pode viver sem ela, esta necessidade gera insegurança, medo e ciúme. Se o ser amado é um ser humano, ele pode ser conquistado, mas apenas por um tempo. As pessoas mudam e os sentimentos também mudam. Para que um sentimento perdure no tempo, ele precisa sempre ser reconquistado. Esta conquista diária é, para alguns, motivador, mas para outros é escravizador.

De repente, o catador de lixo voltou a trabalhar. Enquanto isso, a jovem Débora olhou para o anel de casamento em seu dedo e comentou pensativa:

- Talvez por este motivo, as pessoas se casam. Assim, elas podem possuir o ser amado e ter mais segurança.

- Pode ser, mas esta ideia é um grande engano. Se o ser amado é um ser humano, ele é um ser pensante por natureza e um ser pensante não pode ser possuído.

- Nossa! Eu ainda pensei que você fosse romântica! Mas se for assim, o amor não pode ser nunca plenamente feliz e o bancário estava correto. Comentou a jovem enquanto colocava a mão no queixo.

- Eu também já pensei assim, mas um dia, eu conheci algumas pessoas que amavam e não possuíam o ser amado e mesmo assim elas eram felizes.

- Que estranho! Como isso é possível? Perguntou a jovem.

- Foi exatamente isto que eu perguntei - comentou a fada. Esses casos eram incompreensíveis para mim, mas depois consegui compreendê-los melhor quando conheci a noção de amor em Espinosa.

- Quem é Espinosa? Questionou a jovem Débora.

- Espinosa foi um filósofo do século XVII que nasceu em Amsterdam. Para ele, a razão não se opõe aos sentimentos, mas ele é um desejo de encontrar oportunidades de sermos felizes e evitarmos a tristeza. Aquele que tem como guia a razão, não chora nem rir, apenas compreende. A alegria é boa e nos leva ao amor e o amor é uma alegria que a ideia de sua causa acompanha. Depois, a jovem Débora falou:

- Sinceramente, eu não entendi esta noção de amor.

- Se você amar algo ou alguém, a simples ideia de ela existir lhe faz feliz. Ou seja: você será feliz pelo simples fato do ser amado existir. Deste modo, você não tem a necessidade de possuí-lo e dominá-lo. O que é muito bom, pois no caso dos seres humanos não podemos fazer isso mesmo, a não ser que seja através da força ou através de uma troca de vantagens. Mas desta forma, não se conquista o amor de ninguém mesmo tendo sua companhia.

- Amar é então apenas ser feliz pela existência do ser amado? Mas quando a gente gosta, a gente quer ter esta pessoa por perto e não longe? Perguntou a jovem.

- Sim, mas isso não significa que duas pessoas que se amam não possam querer se unir e que não sintam a falta do outro. Mas o mais importante parece-me que é sentir-se capaz de se alegrar com o simples fato do outro existir. Além disso, ele deve se gostar devido a diferentes aspectos e não apenas por causa de um aspecto.

- Faz sentido, mas é difícil de encontrar um amor assim!

- Sim, é verdade. O que é uma pena, pois saber amar também significa saber viver. Se você quiser um exemplo mais fácil para entender esta noção de amor, basta pensar no amor de seus pais. Os pais sofrem quando seus filhos deixam o lar para viver a sua vida, mas eles continuam felizes pelo simples fato deles continuarem existindo. Isso é amar no sentido de Espinosa. Disse a fada Lúcia enquanto caminhavam na beira-mar.

- Como você acha que um amor pode durar mais tempo?

- O amor será potente quando ele tiver várias causas, visíveis e invisíveis. Os aspectos visíveis são os aspectos físicos que mudam com o tempo e os aspectos invisíveis são aqueles que sentem e não podem ser tocados. Se você amar alguém apenas por um aspecto, o amor irá se acabar rapidamente. Quando duas pessoas se unem por causa do amor, a sua felicidade ou infelicidade será dependente da qualidade dos seres que se unem. Alguns amores infelizes têm geralmente por causas poucos aspectos. Por isso, as pessoas esperam mudar os aspectos que elas não amam no outro, mas isso só traz mais incompreensões e decepções. A fada fez uma breve pausa e depois continuou gesticulando um pouco com as mãos: - Lembre-se do bancário. Ele deixou de amar a si mesmo quando perdeu apenas um aspecto: poder ser um pai biológico. Se um indivíduo não se ama, ele não é feliz. Se um indivíduo não é feliz consigo mesmo, também não é capaz de fazer os outros felizes. Sua mulher tentou mudar os aspectos do bancário que não lhe agradavam, como, por exemplo, o seu excesso de vai-

dade, mas assim ela se tornou incompreensiva e sofreu desilusões.

- Agora eu acho que entendi - a firmou a jovem. Mas como é o amor existente entre o catador de lixo e sua esposa?

- É o amor no sentido de Espinosa. Ela o ama porque ele tem várias virtudes, não por sua aparência ou condições financeiras e vice-versa. Por este motivo, o seu amor é tão duradouro.

- E o amor do homem bêbado, o Vinícius?

- Eles estão apaixonados, mas ainda não se amam.

- Como você faz a diferença? Perguntou Débora mais uma vez cheia de curiosidade e estranhamento com a resposta da fada.

- Tanto a paixão quanto o amor nascem do desejo. Na paixão, o desejo exige menos aspectos para existir e é possessivo, pois apenas com a sua posse o seu desejo é saciado e sem a sua posse, o ser apaixonado sofre. O problema é que quando este desejo é saciado, o apaixonado fica entediado e paixão logo se acaba, embora seja um sentimento avassalador. Com a paixão, não amamos o outro, mas a posse do outro. Amar a posse do outro é amar apenas a si mesmo. Este é o sentimento de que o bancário se referia. No entanto, ele falava de amor, mas o que ele chamou de amor, eu entendo como paixão. No amor, o desejo refere-se ao ser amado com um todo, enquanto um conjunto de seus aspectos ou qualidades existentes. Por isso, o desejo do amor não se limita à posse de algo que nos falta, uma vez que o amor nos leva a desejar a existência de quem amamos e não sua posse. Por esse motivo, o verdadeiro amor existe sem o sentimento de posse e dominação. Ele traz paz e não inquietação - concluiu pensativa a fada Lúcia.

- Eu sabia que o amor é um sentimento que se sente em querer, mas não imaginava que fosse tão difícil amar corretamente. Disse Débora pensativa.

A fada olhou para pequena jovem, deu um leve suspiro e comentou um pouco triste:

- Infelizmente é, Débora. Se um dia você encontrar alguém que lhe ame neste sentido, você terá encontrado um

tesouro tão valioso quanto o tesouro que este catador de lixo carrega em seu coração. Se eu pudesse, lhe daria exatamente isto como seu presente de aniversário. No entanto, acredito ter lhe mostrado um dos modos para encontrá-lo e não perdê-lo no meio do caminho.

Débora deu um sorriso de gratidão para a fada e falou:

- Obrigada! Agora, consigo compreender a nobreza e felicidade deste homem.

- Que bom! Disse a fada em um tom alegre e jovial. - Mas, por favor, não procure a felicidade, pois ela é muito sensível e você poderá espantá-la. Não é você que vai até ela, mas é ela que vai até você. Ela é como uma borboleta que vem ao seu jardim. Se você quer que ela lhe visite sempre, cuide bem de seu jardim.

- Está certo! Eu estou feliz por você existir e por querer me fazer pensar sobre tudo isso. Disse com alegria a jovem.

- Foi um prazer! Eu também fiquei feliz quando descobri que você existia, pois encontrar uma jovem tão curiosa e inteligente é sempre estimulante. Comentou a fada e as duas se abraçaram com alegria e ternura.

De repente, elas pararam de conversar e de acompanhar o catador de lixo que estava ao lado da ponte metálica, pois lá elas viram Davi, o ex-namorado de Débora, vindo em sua direção. Naquela situação, a fada Lúcia sorriu e comentou:

- Por falar em amor, eu sinto que esta alma precisa falar com você. Vou deixá-los a sós.

Naquele instante, a fada Lúcia deu mais um abraço carinhoso na jovem Débora e depois saiu voando e sumiu aos poucos no céu.

CAPÍTULO 6



DECLARAÇÃO

O jovem Davi era alto, tinha a pele branca que se destacava com seu cabelo preto, liso e curto. Os olhos eram pequenos, redondos e pretos. Os óculos lhe davam a impressão de mais maturidade e seriedade. Esta impressão combinava com sua personalidade calma e reflexiva. Vestia uma calça jeans, uma camisa branca e um sapato leve. Aproximou-se de Débora:

- Oi, Débora, tudo bem?

- Sim e você? Faz tempo que eu não o vejo. Disse a jovem quase num sussurro.

- Eu sei - ele comentou. Eu precisei me afastar um pouco mesmo. Fiquei sabendo que você está com o Breno agora. Comentou o rapaz um pouco enciumado.

- Sim, mas eu acho que essa relação não vai dar certo. Falou Débora olhando para baixo.

- Por quê? Questionou o rapaz feliz.

- Vocês homens mentem muito. Já estou cansada de tantas mentiras! Disse a jovem magoada.

- Eu sei. Era exatamente sobre isso que eu queria falar com você. Disse o jovem passando a mão na cabeça um pouco nervoso. - Olha, eu também menti pra você.

- Como assim? Indagou a jovem atônita.

- Quando disse que não gostava de você. Disse Davi com a voz insegura.

- Sério!? Mas você falou que seria melhor sermos apenas amigos e que só gostava de mim como uma amiga. - Falou Débora feliz, mas ainda ressentida com o desprezo de seu amado.

- Eu sei, mas não é bem assim. Entenda. Eu só acho que não quero ter uma relação tão séria ainda, pois nós somos muito jovens e se não der certo, iremos estragar a nossa amizade. Mas eu acho que fiz besteira mesmo... Fez uma breve pausa, respirou fundo e continuou a falar. - Além disso, o Breno não parava de ficar se insinuando pra você e às vezes eu achava que você também tinha interesse por ele. Tanto que a gente mal terminou e você já começou a se encontrar com ele.

A jovem baixou a cabeça, não olhou mais em seus olhos e ainda sem graça, disse num desabafo:

- Sim, é verdade. Mas, no fundo, eu só queria esquecer você mais rápido possível.

Nesse momento, Débora lembrou-se de Vinícius, o homem bêbado. Depois de tantas lições e discussões, ela começou a sentir um sentimento de paz e alegria. Finalmente, segurou sua mão suavemente e abriu o coração:

Eu já bem sei o que se passou.
Imaginei tuas mentiras.
Se você não quer amar e ser feliz,
Por que não fugiu pra longe sem olhar pra trás?
Não quero você em uma teia.
Só quero tentar te acompanhar.
Vem ser feliz, sem medo de amar!
Vem ser feliz e o mundo vai girar bem.

Vem, venha depressa!
Vem, vem cá que o tempo vai levar embora
e o medo se desfaz na hora.
Vem, venha depressa!
Vem, vem cá que o tempo vai levar embora
e a dor se desfaz na hora.

Depois, caminharam em direção ao mar. Tiraram os sapatos para sentir os pés na areia. Abraçaram-se. Beijaram-se. Contemplaram a paisagem enquanto ouviam o barulho das ondas do mar. Em seguida, Davi falou:

- Amanhã eu irei pra sua festa de aniversário, mas eu já estava ansioso pra lhe ver. Eu nem comprei seu presente ainda, pois estou um pouco indeciso.

- A sua presença é o que mais me importa. Disse Débora contente.

Naquele momento, a fada Lúcia apareceu, mas permaneceu de forma invisível para o jovem casal. Sentou-se no banco de madeira e suspirou:

- Ah, o amor é tão lindo!

De repente, a bruxa Emilly resolveu finalmente aparecer. Ela era alta, magra e tinha a pele bem branca e os cabelos longos e lisos. Os traços fortes de seu rosto combinavam com sua personalidade forte. Vestia um vestido longo preto e tinha as unhas pintadas de preto. Num tom de ironia comentou:

- Lindo! Você acha isso mesmo lindo? Deu uma risada de desdém: - HAHHAHAHA!! Eu acho toda essa cena brega e chata, minha cara Lúcia. Olha seja lúcida e desista de sua função. Essa nova geração é muito transviada. Veja só este conto de fadas. A sua princesa fica primeiramente com o seu melhor amigo, a relação não dá certo e logo ela aceita o convite de cinema de outro.

A fada Lúcia protestou:

- Ora Emilly, não me venha com seus dramas. Essa indecisão faz parte da idade. Eles estão na puberdade e procuraram encontrar o amor de verdade.

A bruxa Emilly ignorou as palavras da fada Lúcia, colocou a mão na cintura e apontou para o rapaz com a cara de desprezo.

- Ah, não existem mais príncipes como antigamente. O rapaz só tem coragem de declarar seus sentimentos em sonho. Não chega num cavalo branco e nem a salva de um grande perigo. Francamente, não dá nem pra ter inveja. Esses jovens são uns covardes e preferem ficar bancando o "dom Juan". Nessa brincadeira, eles constroem um muro de ilusão e depois sofrem com a dor da solidão para minha diversão.

- Veja Emilly, Davi não é covarde, pois ser corajoso não é o mesmo que nada temer. Ele teve medo e mentiu em decor-

rência disso, mas saberá enfrentar esse sentimento e assumir suas falhas. Como já dizia o filósofo grego Aristóteles: “a coragem é um meio-termo no que tange às coisas que inspiram confiança ou temor (...)”⁴ Além disso, não se deve ser corajoso sob coação, mas sim porque a coragem é nobre. Foi justamente por pensar assim que ele quis falar com Débora agora. Revidou a fada Lúcia.

A bruxa Emilly balançou a cabeça impaciente e respondeu fazendo pouco caso do que Lúcia tinha falado:

- Ai, o filósofo “Aristóteles” disse isso... Ai, o filósofo “Chico Toicim” disse aquilo... Ai, blá, blá, blá filosofia pra lá... Ai, blá, blá, blá filosofia pra cá... Ah, que coisa mais chata! Lá vem você com seus ensinamentos filosóficos. Eu até que me lembro de que Aristóteles foi aluno de Platão, mas quem quer saber o que significa mesmo um meio-termo nos dias de hoje?

- Você está enganada, Emilly. Primeiramente, o que Aristóteles queria dizer é que se alguém tiver confiança demais, ele não será corajoso, mas sim imprudente. Por outro lado, se ele tiver medo demais, ele será covarde. Deste modo, devemos ter confiança e temor na medida certa para sermos corajosos. Por isso, a coragem é um meio-termo entre a confiança e o temor.

- Ah, é verdade. Eu agora me lembro desta aula chata, disse a bruxa sorrindo. Depois, continuou falando em tom de ironia: - Olha, eu acho que você está sendo confiante demais na aprendizagem desta adolescente e na coragem deste príncipe sem um cavalo branco ou um carro do ano.

- Emilly, o mundo mudou e as exigências são outras. As princesas de hoje têm coragem, são inteligentes e capazes de salvar a si mesmas. Elas não precisam de príncipes fortes num cavalo branco ou num carro do ano que lhe protejam de bruxas malvadas como você. Elas só precisam refletir mais e aprender algumas lições de vida. Respondeu a fada Lúcia.

⁴ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 71.

- Em breve, nós veremos se ela aprendeu alguma coisa com você hoje - protestou raivosamente a bruxa. Em minha opinião, você pode utilizar diferentes métodos de ensino como, por exemplo, usar a magia, entrar nos sonhos da pessoa, escrever um conto de fada, compor poesias e canções, usar a internet e vários outros meios digitais para tentar atingir o seu objetivo pedagógico, mas no fundo, nós sabemos que uma pessoa só aprende se ela realmente quiser aprender.

- Bem, eu confesso que devo finalmente concordar com você e acho que você é o melhor exemplo disso. De fato, a vontade de aprender é a verdadeira fórmula mágica da aprendizagem. Mas eu também acredito que muitos querem aprender e que alguns só precisam ser despertados do pesadelo que é a falta de interesse pelo conhecimento. Como já dizia Pascal: "A natureza imita a si mesma. Uma semente germina quando lançada em boa terra. Quando lançado num bom espírito, um bom princípio germina".⁵

De repente, a bruxa Emilily levantou-se, pegou sua vassoura, voou e falou em voz alta:

- Ah, eu posso ser má, mas até tenho pena desta jovem porque ela tem uma fada guia tão inocente. Sorte a minha que sou mais inteligente. Eu acho que esta cena é boba demais pra ter tanta durabilidade. Chega de tanto sonho, pois agora eu quero começar a jogar de verdade.

⁵ PASCAL. *Pensamentos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 63.

CAPÍTULO 7



REVELAÇÕES

O sol raiou e Débora de repente acordou. Abriu os olhos cheios de preguiça e lamentou:

- Ah! Por que a gente acorda durante a melhor parte do sonho?

Levantou-se. Foi ao banheiro. Ao olhar-se no espelho, espantou-se. Em voz alta resmungou:

- Não acredito! Uma espinha bem no meio da minha testa! Mas justo hoje no dia do meu aniversário. Aff, eu acho que o mundo conspira contra as pessoas em datas especiais!

De repente, a bruxa Emilly aproximou-se de modo invisível:

- Bom dia, minha jovem debutante! É tão fácil estragar o dia de uma adolescente. Basta mexer com sua vaidade.

- Ah, eu faço uma boa maquiagem pra disfarçar! Disse Débora em voz baixa tentando conformar-se.

Pegou seu celular e foi para cozinha tomar o café da manhã. Depois, viu em seu celular, uma mensagem de texto de Rute, a sua melhor amiga do colégio, que dizia:

“Bom dia amiga! Feliz aniversário! Daqui a pouco, eu vou passar aí pra gente conversar pessoalmente, pois além de lhe abraçar, tenho algo importante pra lhe falar. Beijos, Rute”.

- Nossa, eu acho que coisa boa não é! Pensou Débora em voz alta.

Pouco tempo depois, o interfone tocou e sua amiga chegou:

- Bom dia! Feliz aniversário!

Abraçaram-se. Rute era uma jovem alegre com cabelos curtos e cacheados. Vestia uma calça jeans clara, uma camiseta estampada e calçava uma sapatilha. Débora gostava muito dela, pois ela era uma amiga bondosa, atenciosa, prestativa e muito sincera. As jovens estavam sozinhas no apartamento, pois os pais de Débora saíram para cuidar dos preparativos de sua festa de aniversário, mas como era costume, elas foram para o quarto para conversar:

- O que você precisa me falar? Perguntou Débora curiosa.

- Ai meu Deus, você tem uma espinha bem no meio da sua testa! Comentou Rute.

- Ah, sim, eu já vi. Eu vou tentar cobrir depois com uma boa maquiagem, mas diga o que você queria falar. Disse a jovem ansiosa.

- Olha, a notícia não é boa, mas eu sou sua amiga e não posso ficar calada. Uma amiga minha me contou que o Breno estava com uma moça num restaurante ontem à noite. Falou a amiga.

- O quê?! Eu não acredito que ele foi me trair na véspera do meu aniversário! Disse Débora indignada.

- Calma! Mas por que tanta raiva do Breno se você nem gosta tanto dele assim. No fundo você gosta mesmo é do Davi, não é?

- Sei lá, amiga. Orgulho ferido talvez. Agora vai ficar todo mundo na escola comentando que fui enganada e fiz papel de boba. Você tem certeza que isso é verdade? Perguntou Débora.

- Sim, tenho sim. Essa minha amiga enviou até uma foto dos dois pelo celular. Veja, eu não acho que ela seja muito bonita. Ela é, tipo assim, bem normal. Eu prefiro você. Disse Rute na esperança de consolar sua amiga enquanto mostrava a foto.

Naquela situação, Débora ficou pálida. De súbito, pegou o celular da amiga e olhou a foto mais de uma vez. De repente, lembrou-se de seu sonho e comentou:

- Estranho! Eu tenho a impressão de que eu sonhei com isso. No meu sonho, ele estava exatamente com essa moça, disse Débora assustada.

- Nossa, que coincidência! Desculpa eu ter que lhe contar isso agora, mas pensei que depois disso você não deveria chamá-lo pra ser seu príncipe de gala hoje à noite. Algumas pessoas do colégio já sabem disso e você faria realmente papel de boba. Sinceramente, eu acho que você não deveria querer saber tantos detalhes e esquecer tudo isso. Afinal de contas, hoje é uma data especial.

- Sim, com certeza. - Disse Débora em um tom triste.

- E agora, o que você vai fazer?

De súbito, Débora pegou o celular e escreveu um e-mail para Breno:

Quem se despede de uma paixão,
Pensa na vida que levou.
Quem sabe é dono de sua própria dor.
Não dissimula o que passou.
Não, não tenho mágoas não, não tenho.
Nem quero ouvir desculpas ou explicação.
Ah, eu já sei!

Aquela linda história se acabou.
O brilho de outrora se apagou.
De tudo aquilo agora só me restou a minha resignação.

Já estou sabendo do teu "novo amor".
A minha amiga me contou.
Disse que era assim bem normal.
E dos detalhes não falou.

Não, não penso em vingança não, não penso!
Mas vou ficar feliz se você se der mal,
Ah, bem mal!

Naquele mesmo instante, Breno olhou a mensagem através do celular, mas resolveu não responder logo e esperar

alguns dias para conversar com a jovem. Enquanto isso, Rute comentou com a mão na boca atônita:

- Não acredito que você fez isso! E o pior é que não tem mais como apagar. Não seja tão dramática. Você acha que isso é mesmo "resignação"?

- Sim, pois eu não quero vingança. - Disse Débora decidida.

- Será? Veja, se você lhe deseja o mal, não sei se faz sentido dizer que está resignada. Se não me engano, esse não é o significado usual desta palavra. Além disso, se você ficar feliz com a infelicidade do outro, você terá despeito e isso pode te levar à inveja. O sentimento da inveja não traz felicidade pra ninguém.

- Engraçado, eu acho que ouvi isto no meu sonho ontem também, mas eu não estou despeitada, mas sim indignada. Defendeu-se Débora.

- O que é indignação pra você? Perguntou a amiga.

Débora fez uma pequena pausa e depois falou:

- Não sei exatamente, mas a fada que apareceu ontem no meu sonho maluco me disse que a indignação é o meio-termo entre a inveja e o despeito. Disse Débora sorrindo e um pouco assustada.

-Você acha que sua ação está no meio destas duas coisas?

- Não. Você tem razão. Eu não agi bem, pois eu fui impulsiva mesmo, não pensei antes de agir. Alguém, um dia, também me disse que uma ação praticada sob o impulso do momento não é o resultado de uma boa escolha. Fez uma breve pausa. Aflita perguntou:

- O que devo fazer agora?

- Eu acho melhor você conversar com ele quando estiver mais calma e menos magoada. Provavelmente, ele vai dizer que é mentira. Mas depois disso, ele não irá pra sua festa de aniversário.

- Talvez seja melhor assim mesmo. Eu converso com ele depois. Eu namorei o Breno só pra esquecer o Davi e veja

só o que ele me aprontou. Ele só piorou tudo. Disse a jovem balançando a cabeça.

- Neste ponto, você tem que aceitar que também errou, pois talvez você devesse ter esquecido o Davi primeiro. Você não quis nem esperar a ferida sarar. Usar alguém só pra atingir objetivos pessoais não parece ser uma ação boa. Comentou a amiga.

- Como assim? Não dizem que a gente só esquece um grande amor quando a gente encontra um novo amor? Questionou Débora com olhar de indignação.

- Dizem, mas talvez a gente precise primeiramente trabalhar a desilusão e depois partir pra outra. Ficar com alguém só pra esquecer outro não parece ser muito honesto. Mas eu confesso que esses assuntos amorosos são muito complicados. Quem sou eu para lhe dar a fórmula mágica do amor. Disse Rute pensativa.

- É mesmo. Você acha que o Davi ainda aceitaria ser meu príncipe de gala hoje se eu o convidasse? Perguntou Débora.

- Não sei, eu acho que ele ficou chateado porque você estava paquerando com o Breno, mas foi ele que terminou tudo. Fez uma pausa e depois aconselhou: - Escreva pra ele e pergunte. Você só não pode deixar isso estragar sua festa de aniversário. No fundo, eu achava que o Breno não era a pessoa certa pra você, mas não adianta guardar sentimentos ruins. Quanto ao Davi, acho que ele gosta de você ainda e de repente vai ficar feliz com o convite. O problema é que está muito em cima da hora. Você já pegou o seu vestido de debutante?

- Não, mas eu vou buscá-lo daqui a pouco. A loja não fica muito longe daqui e eu vou andando. - Respondeu Débora ainda atordoada com a revelação de Rute e com algumas lembranças do seu sonho.

- Então eu vou indo, a gente se encontra depois. Se precisar de algo, é só falar. Falou Rute olhando para o relógio apressada.

Depois deste diálogo, Débora criou coragem e escreveu a mensagem no celular para Davi: - *"Bom dia! Eu gostaria de lhe*

perguntar se você poderia ser meu príncipe de gala na minha festa de aniversário hoje à noite. Você só precisa ir de terno e dançar uma valsa comigo. Pode ser?”.

Em poucos minutos, Davi respondeu agradecendo e aceitando o convite. A jovem voltou a ficar alegre de novo e aos poucos se lembrava de que o havia beijado em seu último sonho. Tomou banho e saiu para pegar o vestido. Enquanto isso, ela se lembrou da frase da primeira lição: “Se o amor é vencedor, não há lugar nenhum pra tanta dor”. Admirada, pensou em voz alta:

- Que sonho maluco! Mas bem que eu queria ter uma fada assim.

De repente, a bruxa Emilly surgiu de modo invisível e pensou em voz alta:

- Ai, essa aí é mais tonta que a fada guia dela. Acho que a espinha e saber da traição do seu novo namorado ainda não foram suficientes pra estragar seu dia, mas deixa só ela descobrir o segredinho que seus pais esconderam dela até hoje é claro.

No caminho, Débora encontrou-se com Verena, uma antiga amiga de sua mãe. A mulher era um pouco gorda, tinha estatura média e vestia-se de modo chamativo. Tinha a mania de falar pelos cotovelos e estava acompanhada de uma criança que corria de um lado pro outro. Ao ver a criança, Débora comentou:

- Que linda menina! Ela é sua neta?

- Sim, a minha filha mais nova a adotou - respondeu-lhe Verena. No começo, eu não queria, pois ela poderia ter tido uma filha de nosso sangue, mas ela gostou muito da menina e, com o tempo, eu acabei aceitando. De súbito, a velha pôs a mão na boca e continuou a falar meio sem graça: - Ai meu Deus, desculpa! Eu esqueci que você também é filha adotiva. Eu não falei por mal, minha querida. Fez uma breve pausa. Depois puxou a menina pelos braços e falou apressada: Agora, eu tenho que ir, tá? Abraçou Débora rapidamente e continuou a despedir-se: Até a próxima. Dê um abraço na sua mãe por mim.

Débora não conseguiu sequer responder-lhe, apenas acenou com a mão. No fundo, estava completamente chocada com aquela revelação. A bruxa Emilly acompanhava cada passo de Débora e divertia-se com essa situação. Naquele instante, Débora lembrou-se do bancário com quem havia sonhado e de sua conversa com a fada Lúcia. Estava confusa e tentava entender a relação de seu sonho com essa surpreendente descoberta. Depois, apressou o passo. Entrou na loja, experimentou o vestido ainda atordoada. Voltou para casa, trancou-se no quarto triste e não conseguia parar de pensar nas palavras daquela senhora. Sentia que o mundo desabava sobre sua cabeça. De repente, seus pais chegaram. Sua mãe bateu na porta e falou:

- Débora, você está dormindo?

- Não, eu estou aqui, disse Débora abrindo a porta.

- Feliz aniversário meu amor! Eu estou tão feliz por você. Você está bem?

- Sim, estou. Já fui pegar o vestido de gala e convidei o Davi, um amigo do colégio, pra ser o meu príncipe de gala na festa e pra dançar a segunda valsa comigo. Respondeu a jovem olhando para mãe de um jeito diferente.

- Ótimo, daqui a pouco a gente vai almoçar. Eu já liguei para o *Buffet* e parece que até agora tudo está em ordem. A decoração está sendo feita no salão de festa e às 20:00 nós deveremos estar lá pra receber os convidados. Disse sua mãe saindo em direção à cozinha.

Durante o almoço, os pais de Débora só falaram de sua festa de aniversário, mas a jovem não falava muito e observava os traços físicos de seus pais. O pai era alto, loiro e tinha os olhos azuis. Era um homem empreendedor, enérgico e espontâneo. A mãe era baixa, morena, tinha os cabelos curtos, pretos e cacheados e olhos castanhos claros. Era uma mulher sensível, dedicada e perceptiva. A jovem Débora procurava interiormente encontrar traços familiares, mas não se achava fisicamente muito parecida com nenhum deles. Sua mãe percebeu que Débora estava estranha. Por esse motivo, foi falar com ela em seu quarto após o almoço:

- Débora, com licença! Eu posso entrar?

- Sim. - Disse a jovem Débora deitada na cama.

- Você tem certeza que está tudo bem? Está preocupada com alguma coisa? Estou te achando tão triste hoje.

- Não mãe, eu só estou pensativa. Depois, sentou-se na cama e resolveu falar a verdade. - Mãe, hoje eu me encontrei com a dona Verena perto da loja do vestido e sem querer ela acabou comentando que eu sou filha adotiva. Isso é verdade?

O rosto de sua mãe ficou pálido. Ela sentou-se na cama ao lado de Débora. Respirou fundo e com voz trêmula respondeu:

- É... bem..sim...a gente nunca lhe falou isso porque você era um bebê quando nós lhe adotamos e achávamos que isso não teria muito valor, pois você é a nossa filha do coração.

- Então a minha mãe biológica me deu pra vocês? Indagou Débora.

- Na verdade, ela faleceu logo depois que você nasceu e ninguém sabia quem era seu pai. Como seus avós maternos não tinham condições financeiras pra cuidar de você, eles a deixaram num orfanato depois de um tempo. Quando nós soubemos disso, eu e seu pai fomos lhe ver lá. Você era tão fofa. Quando você nos viu, fez um sorriso lindo. Tenho certeza de que foi amor à primeira vista. Levantou-se e continuou a falar entre choro: - Eu peço desculpas! A gente deveria ter dito isso antes. Eu não queria que você soubesse disso desta forma, especialmente hoje. Depois, olhou para Débora intensamente e falou num apelo: - Mas você já é uma mocinha e tenho certeza que saberá compreender tudo isso.

- Será que eu sei agora quem eu sou? Será mesmo que eu conheço a mim mesma? Disse Débora andando de um lado para o outro um pouco nervosa.

A mãe de Débora foi sumária:

- Nós somos o resultado de nossas atitudes e escolhas. E você é fruto de uma escolha minha e de seu pai. Uma escolha de amor.

- Eu realmente pensei que um dia eu tinha caído de paraquedas na sua vida. E o Marcelo, meu irmão, também é adotivo? Perguntou Débora entre lágrimas.

- Não, apenas você. Eu tive o seu irmão durante uma gravidez muito complicada e depois não consegui mais engravidar. Nós sempre sonhamos ter uma filha também. Por isso você foi muito desejada e escolhida por nós. Finalmente, hoje nós temos uma linda filha debutante. Respirou fundo e numa súplica continuou: - Será que você pode nos perdoar?

Débora lembrou-se aos poucos das lições sugeridas em seu sonho. Estendeu a mão direita para sua mãe que a acolheu sem hesitação:

- Sim mãe! O que une os seres humanos é um laço de amor e não um laço de sangue. Eu não poderia deixar de perdoar alguém que me ama pelo simples fato de que eu existo. Fez uma pausa e continuou a falar em tom sereno e baixo: - Deixe o passado ir!

Abraçaram-se fortemente. Lágrimas deslizavam em seus rostos.

- Eu a amo tanto minha filha! Disse sua mãe.

- Eu também! Respondeu a jovem Débora.

Naquele instante, a bruxa Emilly e a fada Lúcia apareceram de forma invisível no quarto de Débora. Em seguida, a bruxa Emilly olhou para Lúcia com um olhar fulminante e falou furiosa:

- Não pense que você conseguiu ganhar este jogo e salvar a festa dessa menina com seus ensinamentos bobos de filosofia, Lúcia. Eu ainda tenho mais uma carta na manga muito melhor do que esta. Veremos como você e sua candidata a princesa debutante irão jogar com ela.

- Não existe no jogo da vida uma carta melhor do que o amor. Respondeu a fada Lúcia confiante.

CAPÍTULO 8



O BAILE DE DEBUTANTE

Pontualmente, às 20h00min Débora aguardava os seus convidados ao lado de seus pais na recepção do *Buffet*. Estava vestida com um vestido simples e singelo pra receber seus convidados. Os presentes eram postos em uma grande caixa na entrada com os respectivos cartões. A decoração estava impecável e tudo estava sendo filmado. O cerimonialista cuidava de todos os detalhes da festa.

Inicialmente, houve o coquetel e um belo jantar. Depois, iniciou-se o cortejo de honra. Entraram os familiares, o príncipe de gala e as duas damas de honra. Breno não apareceu. Enquanto isso, Débora trocava seu vestido simples por um vestido de gala. Ao entrar no cortejo, a jovem esqueceu-se de todas as situações difíceis vivenciadas durante o dia. De sorriso franco, ela foi recepcionada por Davi, o seu príncipe de gala, com todo encanto. Neste momento, o jovem sussurrou em seu ouvido:

- Feliz aniversário! Você está linda!

Em seguida, ela foi cortejada por seu pai que colocou um anel no dedo médio de sua mão direita e trocou os seus sapatos. Seu pai beijou suavemente sua testa e disse:

- Na tradição faz-se este rito para celebrar a passagem de menina para mulher, mas quem diria que minha menina já tem em uma curta viagem tanta bagagem!

Em seguida, o cerimonialista apresentou uma retrospectiva da vida da aniversariante através de um grande telão. Débora não se preocupou com todas as regras da cerimônia, pegou um microfone e começou a cantar uma canção para seus convidados no salão:

*Bem sei, a cada passo que dou,
Bem mais distante estou daquilo que eu fui.
Assim vou, andar na corda bamba, olhar sempre pra frente, me equilibrar.
E em cada breve trégua ressuscitar.*

*Ando, ouço a zoeira da multidão.
Rostos cansados, rostos escondem tanto.
O mundo, que parece natural, nos pede tantas vezes o imortal.
Vem chuva passageira, brilha o sol.
Os passos deixam marcas de cada lição.*

Depois, iniciou-se a dança da valsa com seu pai, irmão, avôs e príncipe de gala. Cantaram parabéns. Comeram o bolo. No final, o cerimonialista convidou algumas amigas de Débora para fazerem um discurso sobre a mesma. De repente, a bruxa Emilly surgiu e jogou um feitiço nos convidados para que eles tivessem um leve sono durante a homenagem. Enquanto isso, o seguinte discurso:

*Muitos já disseram que a amizade é uma forma de amor bem especial e na vida ela é fundamental.
Que cabe ao amigo ter lealdade e sinceridade independente de sua idade.*

Depois, a fada Lúcia apareceu e desfez o encanto da bruxa Emilly e então todos prestaram atenção no restante do discurso:

*Mas só a verdadeira amiga lhe mostra uma espinha no meio da testa antes de uma grande festa.
Esta vida é tão incerta e às vezes nos prega uma triste peça, por isso eu desejo que de alguma maneira eu possa dizer poucas, mas palavras certas.
Permita-se ser feliz querida estreadante, pois você não é só nossa princesa debutante, você é a companheira que torna nossa jornada prazenteira.*

Em seguida, Débora começou entregar as lembrancinhas de aniversário para todos os convidados individualmente. Lembrou-se do catador de lixo de seu sonho e sorriu mais uma vez, pois naquele momento ela compreendeu que quando se tem amor no coração, ações mais simples tornam-se praze-

rosas apesar de serem repetitivas. Tiraram várias fotos e de repente Débora tomou um susto ao ver em seu celular uma foto de um desenho do edifício São Pedro. Lembrou-se de seu sonho, mas não conseguiu entender como aquela foto podia estar lá. Enquanto isso, a balada começou e só então a bruxa Emily deu uma estridente gargalhada:

- Hahahahaha... Aff, depois deste ritual tedioso, finalmente a festa começou. Agora eu posso jogar minha carta fatal pra fazer deste final um final infeliz pra nossa cara aprendiz.

Depois de um tempo, Débora percebeu que seu irmão e sua cunhada haviam bebido muito. Seu irmão mais velho era a cara do pai, loiro dos olhos azuis e era tão espontâneo quanto ele. No entanto, tinha os cabelos um pouco cacheados e estatura média. Sua cunhada lembrava alguns traços faciais de sua mãe, mas era mais alta e tinha o cabelo liso. Débora aproximou-se deles e esses lhe disseram que deveriam ir para casa mais cedo porque tinham um compromisso no outro dia bem cedo. Então, Débora lembrou-se da moradora de rua de seu sonho que havia perdido o marido no acidente de trânsito ao dirigir bêbado após uma festa de aniversário. Imediatamente, perguntou:

- Quem vai deixar vocês em casa?

- Eu mesmo vou dirigindo, respondeu seu irmão.

- Não! Disse Débora preocupada. Segurou a mão de seu irmão e continuou: - Por favor, pensem melhor antes de agir, pois ninguém tem condições de dirigir embriagado.

- Mas eu não estou embriagado. Faço até um quatro em pé. Respondeu Marcelo quase caindo no chão.

- Eu vou pedir uma carona pra alguém ou chamar um táxi pra levar vocês. Insistiu Débora preocupada.

- Tá certo, tá certo! Não se preocupe. Depois eu chamo um táxi. Vá dançar com suas amigas. Disse seu irmão completamente ingênuo e despreocupado.

De repente, Débora olhou para sua cunhada e surgiu a imagem da moradora de rua Renata em sua mente. Num salto, agarrou nos braços de seu irmão novamente e cantou:

Vambora unvôê, (es)pera, pera, pera.
Vambora que eu não quero mais saber.
Vambora unvôê, (es)pera, pera, pera.
Vambora unvôê, (es)pera, pera, pera.
Quase tudo que se planta há pra colher.

A vida quando vem não quer saber.
Não tem ensaio não, é pra valer.
Ninguém merece só sentar e crer na espera de um milagre acontecer.

Vamos embora, em boa, em boa, em boa hora,
Pois quem quer fazer já faz na hora,
Não fica deixando pra depois.
Vamos agora que agora é boa, é boa hora pra gente aprender a resolver.

De repente, Davi chegou e perguntou se ela precisava de alguma coisa, pois ele já pretendia ir embora. Ao saber do problema e de sua preocupação, ele disse que tinha ligado pra um taxista e o motorista já o esperava fora do *Buffet*. Se ela quisesse, eles poderiam ir em seu lugar. Então, eles os acompanharam até o táxi e Débora despediu-se de seu irmão e de sua cunhada aliviada. Depois, Débora abraçou Davi e agradeceu quase num sussurro:

– Obrigada! Olhou encantada para o rapaz e resolveu assumir seus sentimentos:

Se soubesses do bem que me faz.
Se soubesses o quanto eu sou feliz.
Ao te ver chegar a sorrir.
Saberias do amor que me faz sentir.

Se vais, tudo é triste.
Se vens, sou feliz.
E outra vez quero amar você.

O jovem Davi não escondeu sua felicidade e respondeu:

Se soubesses da paz que me traz.
Se soubesses o quanto um olhar nos diz.

*Ao te ver passar a me olhar,
Saberias do ardor que me faz sentir.*

*Se vais, tudo é triste.
Se vens, sou feliz.
E outra vez quero amar você.*

Juntos continuaram a cantar:

*Ah, se soubesses do bem!
Se soubesses da paz!
Saberias do amor!
Saberias do ardor!
Saberias quão bom é amar você!*

Enfim, andaram de mãos dadas até um banco de madeira. Sentaram-se. Abraçaram-se e beijaram-se. Enquanto isso, de modo invisível, a bruxa Emilly e a fada Lúcia estavam observando a cena. De repente, elas viram uma coroa brilhar intensamente sobre a cabeça da então recente princesa debutante do mundo da magia. Naquele momento, a bruxa Emilly comentou num tom de ironia balançando a cabeça:

- Ah, por favor, eu já vi essa cena brega! Eu não acredito que um príncipe de gala e uma jovem adolescente descartaram minha carta final de uma forma tão banal. Depois, fez uma breve pausa e com os olhos mareados percebeu que no fundo de seu coração, ela estava feliz ao ver que a jovem Débora conseguiu aprender as lições propostas e sussurrou: - Agora, nós temos mais uma princesa debutante.

- Emilly! Você disse “nós temos?” Perguntou a fada Lúcia muito surpresa.

De repente, um brilho intenso surgiu ao redor de Emilly e ela recebeu suas asas de volta. Elas eram coloridas como as asas de uma borboleta monarca e destacavam-se com seu lindo vestido preto. Enquanto isso, a fada Lúcia sorriu e mais admirada ainda falou:

- Que lindas asas! Desde quando você mudou?

- Não sei exatamente, mas acho que algo em mim mudou desde que Débora foi capaz de perdoar seus pais. Respondeu alegremente a mais nova fada do mundo da magia e abraçou sua então amiga Lúcia.

QUESTÕES PROPOSTAS

1. Segundo o relato de Hermes acerca do *ensino e aprendizado de filosofia* no mundo da magia, a reflexão sobre os problemas filosóficos era feita desde a infância no mundo da magia, pois deste modo, as pessoas deste mundo não deixariam de amar a sabedoria com o passar do tempo. Além disso, através do diálogo com os outros e de uma reflexão crítica, as pessoas poderiam crescer interiormente. A partir desta estória, faça uma reflexão pessoal acerca da importância do ensino de filosofia na escola e apresente sua opinião sobre este assunto e suas razões para a mesma.
2. Leia o texto da “alegoria da caverna” retirado da obra *A República* de Platão abaixo:

Sócrates – Agora imagina a maneira como segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.

Glauco – Estou vendo.

Sócrates – Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transportem: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.

Glauco – Um quadro estranho e estranhos prisioneiros.

Sócrates – Assemelham-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais do que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?

Glauco – Como, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida?

Sócrates – E com as coisas que desfilam? Não se passa o mesmo?

Glauco – Sem dúvida.

Sócrates – Portanto, se pudessem se comunicar uns com os outros, não achas que tomariam por objetos reais as sombras que veriam?

Glauco – É bem possível.

Sócrates – E se a parede do fundo da prisão provocasse eco, sempre que um dos transportadores falasse, não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles?

Glauco – Sim, por Zeus!

Sócrates – Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados.

Glauco – Assim terá de ser.

Sócrates – Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçado e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?

Glauco – Muito mais verdadeiras.

Sócrates – E se o forçarem a fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? Não desviará ele a vista para voltar às coisas que pode fitar e não acreditará que estas são realmente mais distintas do que as que se lhe mostram?

Glauco – Com toda a certeza.

Sócrates – E se o arrancarem à força da sua caverna, o obrigarem a subir a encosta rude e escarpada e não o largarem antes de o terem arrastado até a luz do Sol, não sofrerá vivamente e não se queixará de tais violências? E, quando tiver chegado à luz, poderá, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que ora denominamos verdadeiras?

Glauco – Não o conseguirá, pelo menos de início.

Sócrates – Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu do que, durante o dia, o Sol e a sua luz.

Glauco – Sem dúvida.

Sócrates – Por fim, suponho eu, será o Sol, e não as suas imagens refletidas nas águas ou em qualquer outra coisa, mas o próprio Sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como é.

Glauco – Necessariamente.

Sócrates – Depois disso, poderá concluir, a respeito do Sol, que é ele que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível e que, de certa maneira, é a causa de tudo o que ele via com os seus companheiros, na caverna.

Glauco – É evidente que chegará a essa conclusão.

Sócrates – Ora, lembrando-se da sua primeira morada, da sabedoria que aí se professa e daqueles que aí foram seus companheiros de cativo, não achas que se alegrará com a mudança e lamentará os que lá ficaram?

Glauco – Sim, com certeza, Sócrates.

Sócrates – E se então distribuíssem honras e louvores, se tivessem recompensas para aquele que se apercebesse, com o olhar mais vivo, da passagem das sombras, que melhor se recordasse das que costumavam chegar em primeiro ou em último lugar, ou virem juntas, e que por isso era o mais hábil em adivinhar a sua aparição, e que provocasse a inveja daqueles que, entre os prisioneiros, são venerados e poderosos? Ou então, como o herói de Homero, não preferirá mil vezes ser um simples criado de charrua, a serviço de um pobre lavrador, e sofrer tudo no mundo, a voltar às antigas ilusões e viver como vivia?

Glauco – Sou da tua opinião. Preferirá sofrer tudo a ter de viver dessa maneira.

Sócrates – Imagina ainda que esse homem volta à caverna e vai sentar-se no seu antigo lugar: não ficará com os olhos cegos pelas trevas ao se afastar bruscamente da luz do Sol?

Glauco – Por certo que sim.

Sócrates – E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se a alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria, se pudesse fazê-lo?

Glauco – Sem nenhuma dúvida.

PLATÃO, *A República*, livro VII, (514a-517c)

2.1 Em relação à alegoria da caverna e às doutrinas que ela representa, assinale V para as questões corretas e F para as falsas.

1. () Os prisioneiros são as pessoas comuns que estão presas a seus hábitos, preconceitos, costumes e práticas desde sua infância e só podem

- ver as coisas de forma parcial e limitada, ou seja, “suas sombras”.
2. () Os homens que carregam objetos por cima do muro representam os sofistas e os políticos que manipulam as opiniões do homem comum.
 3. () A visão da sombra é a falsa visão dos objetos e a visão do sol é a visão correta da realidade.
 4. () Na última parte do texto, Platão descreve a *dialética descendente*, ou seja, a saída do prisioneiro (o filósofo) da caverna, a qual se contrapõe à *dialética ascendente*, isto é, a volta do prisioneiro à caverna.
 5. () O processo de libertação do prisioneiro que seria o processo de mudança e transformação do mesmo é difícil.

Assinale a alternativa correta.

- a) Todas as proposições são verdadeiras.
- b) Nenhuma proposição é verdadeira.
- c) Somente as proposições 1 e 2 são corretas.
- d) Apenas as proposições 3 e 4 são corretas.
- e) Somente a proposição 4 é falsa.

2.2 No diálogo acima, Platão enfatiza a missão ético-política do saber filosófico, pois, em sua opinião, o papel do filósofo é:

- (a) Amar a sabedoria e contemplar a realidade ao redor.
- (b) Estudar as diversas áreas da filosofia e ter uma visão geral sobre a mesma.
- (c) Atingir o conhecimento por meio da razão e ensinar ou motivar os outros a percorrerem o caminho que conduz à verdade.
- (d) Ser bem educado tanto na esfera privada quanto na esfera pública.

- (e) Ser bem informado acerca dos assuntos políticos.

2.3 No conto de fadas “A Princesa Debutante”, a fada Lúcia desempenha um papel fundamental para o aprendizado tanto das lições filosóficas quanto das lições de vida, as quais Débora precisa aprender para se tornar uma princesa debutante no mundo da magia. Fazendo uma comparação deste conto de fadas com a alegoria da caverna de Platão, é correto afirmar que

- (a) A fada Lúcia seria comparável à ideia do Bem da alegoria da caverna, pois ela seria a causa do conhecimento ou sabedoria assim como o sol é a causa do nosso conhecimento dos objetos sensíveis.
 - (b) A fada Lúcia seria análoga aos homens que carregam todos os tipos de objetos fabricados e produzem sombras, isto é, falsas opiniões, para os prisioneiros da caverna, uma vez que ela tenta manipular as opiniões de Débora e outros personagens.
 - (c) Ela seria semelhante ao prisioneiro da caverna que se liberta de seus grilhões, ou seja, de suas meras opiniões e preconceitos, e depois volta para a caverna para libertar seus companheiros, visto que ela tem o objetivo de instruir a jovem Débora durante seu processo de aprendizagem de algumas lições filosóficas.
 - (d) Ela seria análoga aos prisioneiros que não conseguem sair da caverna e contemplar o sol, ou seja, a verdade, visto que ela estaria presa aos seus hábitos e mantém suas velhas opiniões sem submetê-las ao tribunal da razão.
3. Apresente as principais causas da *infelicidade* conforme a opinião de B. Russell, as quais são descritas pelo per-

sonagem Hermes ao se referir à bruxa Emilly e descreva se você concorda com estas ideias.

4. Analise o trecho da canção interpretada pelo personagem Vinícius “Se o amor é vencedor, não há lugar nenhum pra tanta dor”, o qual é citado em várias cenas do conto de fadas, e tente identificar quais são as lições que Débora deverá aprender com essa canção e identifique quais dessas lições foram aprendidas pela personagem e em que contextos elas foram colocadas em prática.
5. O trecho da canção “dançando a gente se acerta”, o qual é interpretado pela jovem Débora, aproxima-se do seguinte ditado popular:
 - (a) “Olho por olho, dente por dente”.
 - (b) “A vingança é um prato que se come frio”.
 - (c) “Coração dos outros é terra que não se anda”.
 - (d) “Cada um sabe onde o sapato lhe aperta”.
6. Analise o texto abaixo retirado da *República* de Platão e compare-o com o diálogo entre a fada Lúcia, Débora e Heitor, o bancário, sobre a ideia de que se a jovem Débora se vingasse de seu namorado Breno, então esta ação seria justa, uma vez que ele mentiu pra ela. Depois, reflita e descreva sua opinião a respeito.

Sócrates – Então, queres que acrescentemos ao que dissemos anteriormente a respeito da justiça que é justo ajudar o amigo e prejudicar o inimigo. Agora, devemos também afirmar que é justo ajudar o amigo bom e prejudicar o inimigo mau?

Polemarco – Precisamente. Dessa maneira parece-me bem explicado.

Sócrates – Logo, é peculiar ao justo prejudicar a quem quer que seja?

Polemarco – Não há dúvida de que devemos prejudicar os maus que são nossos inimigos.

Sócrates – E se fazemos mal aos cavalos, eles se tornam melhores ou piores?

Polemarco – piores.

Sócrates – Relativamente à virtude dos cães ou à dos cavalos?

Polemarco – À dos cavalos.

Sócrates – Então, quanto aos cães a que fizemos mal, eles se tornarão piores em relação à virtude dos cães, e não à dos cavalos?

Polemarco – Exatamente.

Sócrates – E quanto aos homens a quem se faz mal, podemos também afirmar que se tornam piores conforme a virtude humana?

Polemarco – Isso mesmo.

Sócrates – Por conseguinte, meu amigo, os homens contra quem se pratica o mal tornam-se obrigatoriamente piores.

Polemarco – Concordo.

Sócrates – Por acaso, é possível a um músico, por intermédio de sua arte, tornar outras pessoas ignorantes em música?

Polemarco – Isso é impossível.

Sócrates – E, por intermédio da arte equestre, pode um cavaleiro tornar outras pessoas incapazes de montar?

Polemarco – Também é impossível.

Sócrates – Mas, através da justiça, é possível que um justo torne alguém injusto? Ou, de forma geral, pela virtude, os bons podem transformar os outros em maus?

Polemarco – Não podem.

Sócrates – Realmente, creio que ao calor não é dado esfriar, e sim o contrário.

Polemarco – Justamente.

Sócrates – Nem à aridez é dado umedecer, mas o contrário.

Polemarco – É o que parece.

Sócrates – Portanto, o homem justo é bom?

Polemarco – Evidentemente.

Sócrates – Então, Polemarco, não é adequado a um homem justo prejudicar seja a um amigo, seja a ninguém, mas é adequado ao seu oposto, o homem injusto.

Polemarco – Estás dizendo a pura verdade, Sócrates.

Sócrates – Por conseguinte, se alguém declara que a justiça significa restituir a cada um o que lhe é devido, e se por isso entende que o homem justo deve prejudicar os inimigos e ajudar os amigos, não é sábio quem expõe tais ideias. Pois a verdade é bem outra: que não é ilícito fazer o mal a ninguém e em nenhuma ocasião.

Polemarco – Estou de pleno acordo.

PLATÃO. *A República*, livro I, pp. 15-17.

7. A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados; como na inscrição existente em Delfos: “das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a mais justa é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos”. Todos esses atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas a melhor nós identificamos com a felicidade.

ARISTÓTELES. *A Política*. (Questão 27, ENEM 2013).

7.1 Ao reconhecer na *felicidade* a reunião dos mais excelentes atributos, Aristóteles a identifica como:

- (a) Busca por bens materiais e títulos de nobreza.
- (b) Plenitude espiritual e ascese pessoal.
- (c) Finalidades das ações e condutas humanas.
- (d) Conhecimento de verdades imutáveis e perfeitas.
- (e) Expressão do sucesso individual e reconhecimento público.

7.2 Compare essa definição de felicidade defendida por Aristóteles com as noções de felicidade apresentadas

pela fada Lúcia e pelo bancário Heitor. Descreva sua opinião acerca dessas ideias.

8. O homem feliz é aquele que vive objetivamente, aquele que é livre em seus afetos e conta com amplos interesses, aquele que assegura para si a felicidade por meio desses interesses e afetos, os quais, por sua vez, o convertem em objeto do interesse e do afeto de muitos outros. O amor que as pessoas sentem por nós é uma causa importante de felicidade, mas o carinho não é concedido àquele que o mais solicita. De uma maneira geral, recebe carinho aquele que sabe dar.
RUSSELL, *A Conquista da felicidade*, p. 182.

No trecho acima, o filósofo Russell apresenta sua visão sobre o homem feliz e afirma que o amor seria uma das causas fundamentais da felicidade. A partir deste trecho e da relação entre amor e felicidade apresentada pela fada Lúcia para a jovem Débora no conto de fadas, é correto afirmar:

- I. A felicidade pressupõe a capacidade de saber amar.
- II. A felicidade é dependente da qualidade dos seres que se unem devido a este sentimento.
- III. Os amores infelizes têm por causas poucos aspectos e os amores felizes têm por causas muitos aspectos.
- IV. O amor pressupõe a felicidade.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- b) Somente as afirmativas II e III são corretas.
- c) Somente a afirmativa III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas I e II são corretas.

9. Durante o diálogo entre a jovem Débora, Lúcia e Heitor, a noção de *amor* é abordada e neste contexto, vários argumentos acerca de que o amor seria algo bom ou ruim são apresentados. Como exemplo disso, podemos citar o seguinte trecho da canção interpretada por Débora:

*Alguém me disse que o amor é lindo, conserta tudo
que não tem mais jeito.*

*Que traz um brilho para os olhos e deixa a vida mais
colorida.*

Pois eu lhe digo que não é verdade.

Que o tal do amor é muito é traiçoeiro.

*Se a corda se arrebenta, quem amar é quem vai cho-
rar.*

*Se a corda se arrebenta, quem amar é quem vai cho-
rar.*

A partir dessa discussão acerca do amor e da paixão no conto de fadas, faça um breve resumo sobre as concepções de “amor” e “paixão” e procure identificar se o nome “amor” utilizado na canção acima corresponde realmente para a noção de “amor” no sentido de Platão ou no sentido de Espinosa ou se por acaso o uso desta palavra estaria mais próximo da noção de “paixão” apresentada pela fada guia Lúcia e descreva suas razões.

10. A embriaguez, por exemplo, é um suicídio temporal; a felicidade que a bebida propicia é puramente negativa, um intervalo momentâneo na infelicidade. RUSSELL, *A Conquista da felicidade*, p.21.

A partir da citação acima, faça uma reflexão acerca da concepção de *embriaguez* apresentada por Russell com o comportamento dos personagens Vinícius, Heitor, o marido da moradora de rua Renata, e o irmão de Débora, em relação ao

consumo de bebida e escreva sua opinião sobre este assunto. Depois, faça uma relação deste tema com o seguinte trecho da canção interpretada pela jovem Débora em seu baile de debutante, a saber:

*“A vida quando vem não quer saber.
Não tem ensaio não, é pra valer.
Ninguém merece só sentar e crer na espera de um
milagre acontecer.
Vamos embora, em boa, em boa, em boa hora,
Pois quem quer fazer já faz na hora,
Não fica deixando pra depois.
Vamos agora que agora é boa, é boa hora pra gente
aprender a resolver.”*

11. Glauco – Contentas-te, Sócrates, em fingir que nos convenceste ou queres convencer-nos realmente de que, de qualquer maneira, é melhor ser justo que injusto?
- Sócrates – Preferiria convencer-vos de verdade, se isso dependesse de mim.
- Glauco – Então, não fazes o que pretendes. Com efeito, diz-me: não te parece que existe uma espécie de bens que buscamos não objetivando as suas consequências, mas porque os amamos em si mesmos, como a alegria e os prazeres inofensivos, que, por isso mesmo, não têm outro efeito que não seja o deleite daquele que os possui?
- Sócrates – Sim, acredito sinceramente que existem bens dessa espécie.
- Glauco – E não existem bens que amamos por si mesmos e também por suas consequências, como o bom senso, a visão, a saúde? Com efeito, tais bens nos são preciosos por ambos os motivos.
- Sócrates – Sim.
- Glauco – Mas não vês uma terceira espécie de bens como a ginástica, a cura de uma doença, o exercício da

arte médica ou de outra profissão lucrativa? Poderíamos dizer destes bens que exigem boa vontade; nós os buscamos não por eles mesmos, mas pelas recompensas e as outras vantagens que proporcionam.

Sócrates — Concordo que essa terceira espécie existe. Mas aonde queres chegar?

Glauco — Em qual dessas espécies tu colocas a justiça?

Sócrates — Na mais bela, creio, na dos bens que, por si mesmos e por suas consequências, deve amar aquele que quer ser plenamente feliz.

PLATÃO, *A República*. Livro II, pp. 41 - 42.

Conforme o texto acima é verdadeiro afirmar que

- (a) Sócrates identifica a justiça com a felicidade.
 - (b) Sócrates defende que a justiça é um bem em si mesmo e que tem como consequência a felicidade.
 - (c) Sócrates compreende a felicidade com o bem supremo que pode ou não nos tornar felizes.
 - (d) Ele não acredita que a felicidade seja o prêmio do homem justo.
 - (e) Aquele que quer ser feliz deve cultivar a beleza física.
12. Em seu diálogo com a personagem Débora, a fada guia Lúcia apresenta a noção de *virtude* em Aristóteles como sendo uma *disposição* de fazer o bem e tal disposição seria aperfeiçoada com a prática. A partir dos diálogos ao longo do conto de fadas, identifique os tipos de virtudes que são apresentados e descubra quais dessas virtudes, a personagem Débora conseguiu adquirir e praticar em sua festa de debutante para se tornar uma princesa debutante.
13. Mas é impossível ao todo ser feliz a menos que uma parte considerável, ou a maioria, ou todas as partes, em alguma medida, sejam felizes. A felicidade não é como

os números, que só podem existir em conjunto. Dois números ímpares, somados, resultam num número par, mas duas metades infelizes não formam uma cidade feliz.

ARISTÓTELES. *A Política*, p. 180.

A partir do trecho acima, procure compreender a concepção de *felicidade pública* apresentada por Aristóteles e reflita se este tipo de felicidade existe na comunidade em que você vive. Caso sua resposta seja positiva, apresente quais seriam os principais motivos da felicidade geral de sua comunidade. Caso sua resposta seja negativa, procure apresentar quais seriam as causas da *infelicidade geral* e quais delas poderiam ser eliminadas a partir da reflexão filosófica e por meio da aquisição da *virtude*, tal como ela é definida por Aristóteles.

14. Conforme o relato da fada Lúcia acerca do personagem Robson, o catador de lixo, ele seria não apenas feliz, mas um *sábio*. Conforme essa descrição, é correto afirmar que:

- I. Ser *sábio* significa ser erudito.
- II. O *sábio* é aquele que domina uma determinada área ou assunto com excelência.
- III. O *sábio* é aquele sabe viver com sensatez e prudência.
- IV. O *sábio* é aquele que não procura o caminho da felicidade, mas consegue ser feliz devido sua conduta virtuosa.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- b) Somente as afirmativas II e III são corretas.
- c) Somente a afirmativa III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas I e II são corretas.

15. A personagem Renata, a moradora de rua, ao descrever sua “história de vida”, apresenta uma opinião acerca da *liberdade*, a qual estaria vinculada à *responsabilidade*. A partir de sua descrição e do diálogo entre os personagens desse conto de fadas, formule sua própria opinião acerca da liberdade e da responsabilidade.
16. O tema da *morte* é discutido através da personagem Renata (a moradora de rua) que perdeu seu marido em um acidente de trânsito. Após o diálogo entre Lúcia, a fada guia, e a jovem Débora, a personagem Lúcia descreve para Débora *a morte em vida*. A partir deste diálogo, interprete o significado desta expressão e depois tente estabelecer a relação com a canção interpretada pela personagem Débora durante seu baile de debutante, a qual afirma: “bem sei, a cada passo que dou, bem mais distante estou daquilo que eu fui e assim vou, andar na corda bamba, olhar sempre pra frente, me equilibrar. E em cada breve trégua *ressuscitar*”.
17. “... e afirmamos ser a função do homem uma certa espécie de vida, e esta vida uma atividade ou ações da alma que implicam um princípio racional; e acrescentamos que a função de um bom homem é uma boa e nobre realização das mesmas; e se qualquer ação é bem realizada quando está de acordo com a excelência que lhe é própria [...] o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude, e, se há mais de uma virtude, com a melhor mais completa. Porquanto, uma andorinha não faz verão, nem um dia tampouco. E de mesma forma, um dia ou um breve espaço de tempo, não faz um homem feliz e virtuoso.”
ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, I, p. 7.

O texto acima é retirado do livro *Ética a Nicômaco* de Aristóteles e trata especialmente das noções de *virtude* e *felicidade*. Acerca desse trecho, é correto afirmar:

- I. Tanto a virtude quanto a felicidade são adquiridas através do hábito.
- II. Explicita como Aristóteles concebe a função do homem como a realização de suas atividades conforme a virtude.
- III. Manifesta a forma como Aristóteles pensa o bem em si em relação à felicidade, na medida em que aquele que contemplou o bem em si no mundo inteligível será feliz no mundo empírico através do uso da razão.
- IV. Apresenta uma concepção do bem estruturada unicamente em fatores circunstanciais e relativistas.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
 - b) Somente as afirmativas II e III são corretas.
 - c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
 - d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
 - e) Somente as afirmativas I e II são corretas.
18. A noção de *identidade pessoal* é tratada de modo muito geral durante a conversa entre a personagem Débora com sua mãe que em resposta à pergunta acerca da identidade de Débora, afirma de modo sucinto que “nós somos o resultado de nossas ações e escolhas”. A partir desta afirmação, procure refletir sobre esta opinião e se você concordaria com a mesma.
19. É preciso então congruar num mesmo objetivo essas duas normas, a do amor aos jovens e a do amor ao saber e às demais virtudes, se deve dar-se o caso de ser

belo o aquiescer o amado ao amante, (...) só então, quando ao mesmo objetivo convergem essas duas normas, é que coincide ser belo o aquiescer o amado ao amante e em mais nenhuma outra ocasião.

PLATÃO, *O Banquete*, 184d-e.

A partir do trecho acima e demais teses de Platão, assinale V para as questões corretas e F para as falsas.

1. () A relação entre amante e amado será virtuosa ou não devido a motivação dessa relação, ou seja, caso sua existência seja devido a busca da virtude ou da efemeridade do corpo
2. () Se a relação entre amante e amado existe em função da efemeridade do corpo, então essa relação não é boa.
3. () Se a relação entre amante e amado existe em função da *areté* (educação, saber, conhecimento), então essa relação é virtuosa.
4. () Conforme Platão, a virtude é o bem e o bem é relativo.

Assinale a alternativa correta.

- a) Todas as proposições são verdadeiras.
- b) Nenhuma proposição é verdadeira.
- c) Somente as duas primeiras proposições, 1 e 2, são corretas.
- d) Apenas as duas últimas proposições, 3 e 4, são corretas.
- e) Somente a proposição 4 é falsa.

20. De fato o que é o amor? Eu evocava, ao começar, a definição de Platão, segundo a qual o amor é desejo e o desejo é falta. Terminemos com a definição de Spinoza. Este último concordaria com Platão para dizer que o amor é desejo; mas com certeza não para dizer que o desejo é falta. Para Espinosa, o desejo não é falta, o de-

sejo é potência: potência de existir, potência de agir, potência de gozar e de se regozijar. (...) tampouco é a mesma coisa ter falta de comida (passar fome) e ter a potência de gozar o que se come (comer com apetite). SPONVILLE, CONTE. *A felicidade desesperadamente*, pp.29-30.

O autor apresenta duas concepções distintas de amor: (i) o amor no sentido de Platão e (ii) o amor no sentido de Espinosa. Conforme essa interpretação, é correto afirmar:

- (a) De acordo com Platão, o amor é um desejo e o desejo é uma falta. Já para Espinosa, o amor é um desejo, mas não é falta, pois o desejo se refere à potência de gozar o que se ama, ou seja, daquilo que existe.
- (b) O amor no sentido de Platão pode ter como consequência a frustração na medida em que ele é desejo e o desejo é uma falta. Caso o desejo não seja satisfeito, o amor permanece sendo uma falta.
- (c) O amor no sentido de Espinosa é um desejo que não é falta, mas é potência de existir, isto é, daquilo que não é atual, mas que não é irreal.
- (d) O autor concorda com definição de amor em Platão.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
 - b) Somente as afirmativas II e III são corretas.
 - c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
 - d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
 - e) Somente as afirmativas I e II são corretas.
21. As noções de *virtude*, *amor* e *felicidade*, tais como são apresentadas pela fada guia Lúcia para a jovem Débora, estão intimamente relacionadas entre si. Faça uma

reflexão sobre essas noções filosóficas, tente descrever em que sentido elas são interligadas e dê sua opinião a respeito.

RESPOSTAS DAS QUESTÕES OBJETIVAS

2.1 e

2.2 c

2.3 c

5. a

7.1 c

8. d

11. b

14. c

17. e

19. e

20. d

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Custódio Luís S. *Hermenêutica e Dialética. Dos estudos platônicos ao encontro com Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- ARAÚJO, Hugo. F. *A estetização da alma pelo corpo no Fédon de Platão*. Fortaleza: Edições UFC, 2014.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- ARISTÓTELES. *Poética. Organon. Política. Constituição de Atenas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- CHAUÍ, Marilena. *Espinosa. Uma ética da liberdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1995. (Coleção Logos).
- COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade, Desesperadamente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CORTELLA, S. Mário. *Filosofia e Ensino Médio. Uma proposta do livro do aluno*. São Paulo: Vozes. 2005.
- ESPINOSA, Baruch. *Pensamentos metafísicos. Tratado da Correção do Intelecto. Ética. Tratado Político. Correspondências*. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Editora Iluminuras. 2008.
- MONTENEGRO, P. Maria Aparecida, ARAÚJO, Hugo. F. (Editores convidados). *Dossiê Filosofia Antiga. Argumentos*. Revista de Filosofia, Fortaleza: Edições UFC, 2014.
- NAGEL, Thomas. *Uma breve introdução à filosofia*. (Trad. Silvana Vieira). São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- PLATÃO. *A República*. (trad. Enrico Corvisieri) São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- PLATÃO. *Diálogos: Mênon. Banquete. Fedro*. São Paulo: Editora Ediouro, 1980. (Coleção Universidade).
- PASCAL, B. *Pensamentos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- RAMOS, Angelo Z. *O bem e o mal*. São Paulo: Editora Martins, 2011.

RUSSELL, Bertrand. *A conquista da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora Saraiva, 2012.

SOUSA, R.B. Antônio. *Filosofia Prática e a Prática da Filosofia. Guia de Estudo para o Ensino Médio*. São Paulo: Paulus. 2011.

VÁSQUEZ, S. Adolfo. *Ética*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1985.

O livro *A Princesa Debutante* lança um novo olhar sobre como o conhecimento filosófico pode ser útil e praticado em nossa vida. Ele aborda especialmente os três temas, a saber: Virtude, Amor e Felicidade. Esses conceitos são discutidos através de diálogos e canções durante um sonho inusitado que a personagem Débora tem às vésperas de seu aniversário de 15 anos. Ao acordar, ela lembra aos poucos o que lhe fora ensinado durante o seu sonho, iniciando-se assim a etapa mais difícil de seu processo de aprendizagem: a prática das lições filosóficas propostas. Por meio de uma narrativa dinâmica, esta obra convida o leitor a fazer parte de uma discussão que abarca as linguagens da literatura, da filosofia e da música.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93565-12-0



9 788593 565120